



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE**

**A RAINHA EXILADA: JORNADA PSICOLÓGICA DE UMA MULHER EM BUSCA
DO VERDADEIRO EU, EM *EXÍLIO*, DE LYA LUFT**

CELSO JOSÉ DE LIMA JÚNIOR

CAMPINA GRANDE

2010

CELSO JOSÉ DE LIMA JÚNIOR

**A RAINHA EXILADA: JORNADA PSICOLÓGICA DE UMA MULHER EM BUSCA
DO VERDADEIRO EU, EM *EXÍLIO*, DE LYA LUFT**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Literatura e Interculturalidade da
Universidade Estadual da Paraíba para
obtenção do grau de mestre.

Orientação: Dra. Maria Goretti Ribeiro

CAMPINA GRANDE

2010

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L732r Lima Júnior, Celso José de.
A Rainha Exilada [Manuscrito]: jornada psicológica de uma mulher em busca do verdadeiro eu, em Exílio, de Lya Luft/ Celso José de Lima Júnior. – 2010.
84 f.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2010.
“Orientação: Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro, Departamento de Letras e Artes”.

1. Análise Literária. 2. Literatura Brasileira. 3. Romance. I. Título. II. Luft, Lya.

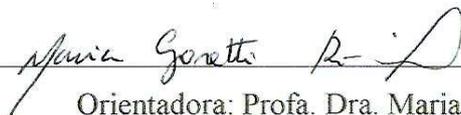
21. ed. CDD 801.95

CELSO JOSÉ DE LIMA JÚNIOR

**A RAINHA EXILADA: JORNADA PSICOLÓGICA DE UMA MULHER EM BUSCA
DO VERDADEIRO EU, EM EXÍLIO, DE LYA LUFT**

Aprovada em 06 / 09 / 2010

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro

Universidade Estadual da Paraíba



Profa. Dra. Ana Maria Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe



Profa. Dra. Rosângela Queiroz

Universidade Estadual da Paraíba

Agradeço profundamente,

A Deus que tão sabiamente ceifou meu trabalho, que me levou a momentos desafiadores, porém, me concedeu a vitória;

À Prof.^a Dr.^a Maria Goretti Ribeiro por ter aceitado esta idéia desde nossa primeira entrevista e por todas as vezes que a defendeu, concedendo sua luz, atenção e credibilidade;

À Prof.^a Dr.^a Ana Leal, cujo conhecimento e sabedoria me conduziu ainda na elaboração do projeto desta dissertação;

Aos Professores Doutores Rozângela Queiroz e Antônio de Pádua por suas observações sábias e contundentes;

Ao amigo e professor Ueliton Vagner, cujo amparo psicológico e teórico foi e é essencial;

Aos meus familiares, principalmente, minha mãe que nunca desistiu de mim, dando forças para continuar nesse caminho árduo que é a escritura de uma dissertação;

A Felype Diorgennes que não me deixou cair diante dos obstáculos e reescrituras sucessivas; Aos amigos e amigas que estiveram ao meu lado durante todo o percurso;

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o drama existencial da protagonista de *Exílio*, de Lya Luft pelo estudo simbólico do conteúdo do romance, no qual se mostra o significado profundo dos elementos que compõem o processo de individuação, conforme exposto por Marie Louise von Franz, em *O Homem e Seus Símbolos* (2005), coletânea de textos de psicologia analítica e pelo pensamento junguiano a respeito do psiquismo humano, a partir dos arquétipos do inconsciente coletivo e pessoal durante tal processo, a saber: as manifestações da persona, da sombra, do animus, do Self. Partiremos do pressuposto de que a compreensão do romance depende da apreensão da natureza simbólica desses elementos e suas representações no enredo; da ligação que mantêm entre si; e da sua relevância para a estrutura da narrativa e para a trajetória de sua heroína, Doutora.

Palavras chaves: jornada, heroína, *Exílio*, Jung.

ABSTRACT

This study aims at analyzing the existential drama of the main character of the *Exílio*, Lya Luft's novel, by means of the symbolic approach of the content of the novel, how and where the meaning of elements composing the process of individuation, as exposed by Marie Louise von Franz, in *O Homem e Seus Símbolos (2005)*, analytical psychology collection of texts, and by junguian ideas regarding human psyche, based on the archetypes within the personal and collective unconscious through that process such as manifestations of the persona, the shadow, the animus and the Self. Our stand point was to believe that the understanding of the novel depends on grasping the symbolic nature of those elements and their representations in the plot, as well as the connection they maintain with each other and their relevance to the structure of the novel and to the development of its heroine, Doutora.

Key words: Journey; heroine; *Exílio*; Jung.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I. O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO SOB A ÓTICA JUNGUIANA	12
1.1 A configuração do crescimento psíquico	20
1.2 O primeiro acesso ao inconsciente	20
1.3 A realização da Sombra	21
1.4 A integração no Self	26
1.5 O aspecto social do Self	27
CAPÍTULO II. O ROMANCE E AS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS	29
2.1 – O enredo: a trama e os dramas	29
2.2 - O purgatório das almas exiladas	30
2.3 - As personagens: reflexos dos dramas da narradora	34
CAPÍTULO III. AS ETAPAS DO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO VIVIDO PELA NARRADORA	45
3.1 – O desvelar da Persona social de Doutora	49
3.2 - A Rainha Exilada em busca da Sombra	45
3.3 - Os guias de Doutora	59
3.4 - A Mutilação Anímica: As Formas de Representação de Animus e Puer	61
3.5 - O legado da Rainha Exilada: a “mãe-má” e a órfã	70
3.6 - A derrocada de Doutora	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

Historicamente constatamos que não importa a nacionalidade, a idade, a religião, o status ou o grupo social: as mulheres têm sido absorvidas, envolvidas e capturadas por “forças repressoras” culturais, sociais, políticas, psicológicas e religiosas, processo de que resulta uma imagem feminina distorcida, um conjunto de idéias, conceitos e preconceitos restritivos do poder de ação e reação das mulheres dentro de seu contexto histórico-cultural. Assim, as forças repressoras que delineiam as representações das mulheres e de suas imagens, frente às sociedades em que estão inseridas, se manifestam inicialmente na família que seria o berço da construção de moldes para convivência social feminina, “os espaço por excelência de socialização da mulher [...] onde ela começa a se tornar mulher” (XAVIER, 1998, p. 65).

A presente geração de mulheres tende a trazer diferentes expectativas acerca da passagem da meia idade. Muitas sentem que, ao longo do caminho, enquanto elas estão crescendo na carreira, parindo filhos ou cuidando de suas casas, colocam de lado algo importante, que querem recuperar. Em face dessa problemática, centramos nosso interesse na imagem da mulher sofrendo um terrível conflito entre a solidez de um modo de vida bem-sucedido e as exigências interiores de uma reavaliação total de si mesma.

Luft é uma autora cuja importância para a nossa pesquisa se deve ao fato de que sua temática nuclear envolve as dolorosas vivências duais do ser humano: amor e ódio, vida e morte, masculino e feminino, numa perspectiva que foge aos modelos ficcionais, de cunho feminista, ainda adotados por boa parte das escrituras atuantes no Brasil e mesmo fora dele. Essas vivências escancaram a imagem da mulher ainda escrava do domínio masculino. Dessa forma, os escritos de Luft são marcados pela preocupação com problemas morais, que também são problemas de personalidade; da imperfeição humana; problemas psicológicos hereditários, do bem e do mal. Luft preocupa-se em descrever ambos os lados do ser humano: o heróico e o ignóbil, o altruísta e o egoísta, o angélico e o diabólico.

Suas obras são imprevisíveis e surpreendentes, caracterizadas por um tom intimista, que evidencia os contornos de uma trama aparentemente não linear, desenvolvida em fluxos de consciência e de inconsciência. Em um misto de realidade e fantasia, muitas vezes pontilhados de pesadelos, as personagens luftianas sempre divagam entre incertezas e medos,

talvez buscando explicações para as suas atribulações ou simplesmente cura de suas lesões psicológicas, das cicatrizes profundas que doem, sempre se rompem e formam novas feridas em cima de outras feridas, consequência de um universo familiar perturbado.

Além de **Exílio**, Luft também escreveu **As Parceiras**, seguido por **A asa esquerda do anjo** (1981); **Reunião de família** (1982); **Mulher no palco** (1984); **O quarto fechado** (1984); **O lado fatal** (1988); **A sentinela** (1994); **O rio do meio** (1996); **Secreta mirada** (1997); **O ponto cego** (1999); **Histórias do tempo** (2000); **Mar de dentro** (2002); **Perdas & Ganhos** (2003); **Pensar e transgredir** (2004); e estreando na literatura infantil com **Historias de um bruxa boa** (2004); **Para não dizer adeus** (2005); **Em outras palavras** (2006); **O silêncio dos amantes** (2008) e **Múltipla escolha** (2010).

Dentre os escritos de Luft, escolhemos para analisar o romance **Exílio**, porque nos interessa propor uma explicação possível para o significado da personagem central consumida pelo trauma infantil da ausência materna. Durante a narrativa verificamos profundos questionamentos existenciais sempre presentes nos romances luftianos, frequentemente relacionadas a personagens desprezadas pelas mães, em geral mulheres que não conseguem conciliar os vários papéis que desempenham em seu cotidiano. Vítimas de um passado doloroso, elas buscam consertar o próprio presente.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é evidenciar no romance citado o processo de individuação da narradora-protagonista. Para tanto, vamos considerar os arquétipos do inconsciente coletivo e pessoal mimeticamente e simbolicamente durante tal processo, a saber: as manifestações da Persona, da Sombra, do Animus e do Self. Especificamente objetivamos analisar o discurso metafórico que constrói a trama, interpretando os arquétipos que irrompem do inconsciente coletivo para verificar os níveis e os tipos de relacionamentos estabelecidos entre a narradora-protagonista e os objetos e espaços do romance e como estes relacionamentos implicam no desenvolvimento do processo de individuação da narradora-protagonista.

Para atingirmos tais objetivos, indagamos: quais são os dramas psicológicos, os complexos negativos que motivam os questionamentos, depressões, lamentos, vitimizações da personagem central de **Exílio**?

Para que possamos elucidar todos estes questionamentos, desenvolveremos nosso estudo levando em consideração os conflitos da narradora como um processo de individuação,

uma vez que ela vivencia uma reavaliação de si mesma, relacionada à convivência social-familiar, cujo conflito expõe dores, culpas, angústias, carências, aniquilamento, ausências e autopunição. Tendo em vista as etapas do processo de individuação, acreditamos ser possível lançar luz sobre certos aspectos manipulados artisticamente na ficção luftiana para compor a trama, no que se refere à natureza das personagens e suas funções no enredo. Apesar de não buscarmos o ineditismo, observa-se que a temática proposta para a análise de **Exílio** na fortuna crítica da autora não foi diretamente abordada. Entre as obras consultadas para elaboração dessa dissertação, destaca-se o livro **A Via Crucis da Alma** (2006) de Maria Goretti Ribeiro como motivador e norteador de nossa pesquisa.

O Capítulo 1, “O Processo de Individuação sob a ótica junguiana”, apresentará uma breve explanação sobre os termos junguianos que compõem a teoria do Processo de Individuação, elaborada por Carl Gustav Jung e aprofundada por seus seguidores. Esta teoria apresenta as várias etapas da trajetória do conhecer-se a “si-mesmo”, trajetória que é marcada por complicações, provações e lições que devem ser empreendidas para que se possa atingir o desenvolvimento interior.

A análise centrará a discussão nos dramas vividos na meia idade, pois entendemos que este processo psicológico é muito mais que um desenvolvimento cognitivo, uma mudança de comportamento, um ajuste moral, ou, ainda a presença ou a falta de sintomas psicopatológicos. A individuação descreve as atitudes e rumos conscientes e inconscientes de qualquer pessoa sobre a fonte e a base da personalidade, sobre como e por que estabelecemos certos vínculos, sobre desejos e paixões.

Assim, o romance será apresentado e explorado em uma perspectiva simbólica no Capítulo 2, “O Romance e as Manifestações Simbólicas” no qual faremos um rastreamento, em toda a narrativa, no sentido de analisar os elementos simbólicos que a compõem tais como: os símbolos relacionados à apresentação das personagens, ao espaço e principalmente ao drama existencial da personagem principal.

O terceiro capítulo intitulado “A busca pelo verdadeiro eu: etapas do processo do individuação” examina pela perspectiva junguiana a jornada de conhecimento profundo e interior da personagem nuclear através da abordagem proposta por Marie Louise von Franz em **O Homem e seus símbolos** (2005). Especificamente, o processo de individuação servirá como guia para a identificação de símbolos inerentes à narrativa. Tais símbolos servirão para elucidar os questionamentos da personagem central e um possível desfecho para a trama.

Interessante perceber que o aporte teórico aqui utilizado é requisitado pela própria obra literária para uma possível interpretação, já que uma leitura apenas propõe possibilidades interpretativas. Após algumas leituras do romance, percebemos algumas imagens arquetípicas entrelaçadas no fluxo da consciência da personagem central que preenchem de significados os personagens desse drama, dando uma resignificação a compreensão do enredo.

CAPÍTULO I

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO SOB A ÓTICA JUNGUIANA

A individuação é um processo que percorre toda a evolução humana, tanto a nível pessoal como coletivo, referindo-se ao trabalho de tornar-se uma pessoa inteira, indivisível e completa, experimentando uma sensação de auto-realização e autoconhecimento. O termo “individuação” foi adotado por Jung através do filósofo Schopenhauer, porém reporta-se a sua criação a Gerard Dorn, um alquimista do século XVI. Ambos falam do *principium individuationis*, que simboliza a separação guiada por forças divinas entre o homem e o caos da vida.

Assim, Jung conceituou a individuação como

Um processo através do qual um ser torna-se um ‘individuum’ psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade. [...] A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da realização de seu si-mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia, pois traduzir a palavra “individuação” por “realização de si-mesmo”, “realização do si-mesmo”. [...] Constato continuamente que o processo de individuação é confundido com a tomada de consciência do eu, identificando-se, portanto, este último com o si-mesmo, e daí resultando uma desesperada confusão de conceitos. A individuação não passaria, então, de egocentrismo e auto-erotismo. O si-mesmo, no entanto, compreende infinitamente mais do que um simples eu [...] a individuação não exclui o universo, ela o inclui. (2002a, p. 355)

O Si-mesmo ou Self define-se como armazenador de todas as possibilidades e potencialidades humanas; a matriz do *ser*, ou seja, uma espécie de organizador central que coordena as ações e mantém a pessoa em relação de equilíbrio e integridade com a sua individualidade, no sentido de unidade e totalidade. Logo, através da individuação é que se procura essa totalidade, algo inato, uma jornada do ego guiada pelo e para Self.

Nessa jornada, o Ego é nossa “identidade pessoal” e “auto-consciência”, formado de um conjunto de fatores resultantes da experiência individual, formadores da auto-imagem e determinantes da expressão pessoal. O Ego é a relação da consciência com fatores objetivos e subjetivos tanto conscientes quanto inconscientes, formando um complexo egóico. Ele é o

centro ordenador da psique consciente, enquanto o Self é o centro ordenador da psique total, que funciona como se fosse uma membrana seletiva, de permeabilidade variável em relação ao acesso de conteúdos objetivos ou inconscientes ao campo da consciência, de acordo com a rigidez ou flexibilidade do temperamento ou caráter pessoal.

Para Jung, o desenvolvimento psicológico humano pode ser compreendido em dois momentos: primeira e segunda metade da vida. Na primeira, o Ego diferencia-se do Self, cresce e se desenvolve, realizando um movimento centrípeto, ou seja, de dentro do inconsciente para fora dela. Aos poucos, o Ego vai se transformando e adquirindo competência para exercer o autodomínio diante dos padrões culturais de comportamento: desenvolve, portanto, uma Persona.

A Persona normalmente é aquilo que a pessoa acha que os outros gostariam que ela fosse e que, ao mesmo tempo, atende à necessidade de encaixar o indivíduo dentro de um determinado modelo prescrito pelo meio social em que vive, numa tentativa de responder as questões existenciais e filosóficas tais como: quem sou eu, de onde venho e para onde vou. Isso pode acontecer nas áreas profissional, política, esportiva, religiosa, cultural e científica. O indivíduo desenvolve uma aparência artificial, um invólucro, ou seja, a máscara, a fachada.

Esta máscara pode ser um sistema útil de defesa, mas devido ao seu caráter auto-asfixiante, o que em princípio pode ser uma defesa ou uma proteção, torna-se uma prisão. Isto pode gerar crises de identidade, neuroses de angústia e doenças psicossomáticas, prognóstico não muito sadio, dentro de uma perspectiva de saúde mental. Devido às diferenças do que seria a Persona e o “verdadeiro eu” criam-se conflitos representados nas divergências entre o que a pessoa diz e sente, entre o que ela quer e consegue realizar; nas coisas que a pessoa faz, fala ou pensa e que resultam em culpa e remorso, caracterizando assim uma situação de conflito interior. Dessa forma, homens e mulheres devem ser capazes de libertar-se da sua família de origem, constituir sua própria família e adaptar-se a um papel adulto no meio em que vive. O modo como isto é realizado varia, mas observa-se que todas as culturas esperam que a pessoa jovem consiga desenvolver o Ego e a Persona, ou seja, a diferenciação do Ego com o Self.

Para os jovens, pode ser perigoso ocupar-se demasiadamente consigo mesmo, contudo, para os mais velhos é dever e necessidade. A interiorização lhe possibilitará também aceitar a decadência do seu corpo e compreender a velhice como mais uma etapa de desenvolvimento psicológico. Atualmente muito tem se falado sobre a turbulenta fase ou crise

da meia idade, a metanóia. Homens e mulheres maduros que abandonam carreiras de sucesso e/ou família constituída, e se dedicam a atividades totalmente diferentes daquelas que se dedicavam anteriormente: procuram meditação, desenvolvem trabalhos artísticos, ou se envolvem em casos românticos com parceiros bem mais jovens. As mulheres, em particular quando entram nessa crise, geralmente, tornam-se mais decididas. Elas começam a estudar, a trabalhar e a dedicar-se á arte e trocam a falsa felicidade doméstica por liberdade, aventura e novas trilhas em suas vidas.

Para entendermos essa crise ocorrida na metade da vida, começaremos pela terminologia da palavra “crise”. Ela deriva da palavra grega *Krino* (κρίνω) que significa decidir, determinar, considerar, estimar, pensar e preferir. A metanóia seria uma irrupção no qual o inconsciente invade e inunda a consciência, estabelecendo o tempo de tomar decisões, de fazer uma pausa na vida, de olhar para trás e avaliar quem realmente nós somos e escolher qual caminho deveremos seguir. Profundamente, operamos por intermédio das crises uma reviravolta e realizamos significativas mudanças em nossas vidas. Na teoria, isto parece fácil, no entanto, essa reviravolta pode ser um processo árduo e longo, no qual enfrentamos nossos demônios do passado, os nossos medos e inseguranças mais profundas e, em meio a esse caos, somos forçados a padecer longas noites de dor, aflição, tristeza e um futuro incerto.

Carl Gustav Jung desenvolveu ideias sobre esta crise, tomando-a como o ponto inicial da individuação na segunda metade da vida. Para chegar às suas conclusões, ele próprio, entre 38 e 44 anos, embarcou em uma profunda jornada de conhecimento interior. Desta forma, Jung, diferente de Freud, não centra suas ideias e sua psicologia apenas no desenvolvimento infantil, inaugurando uma nova perspectiva na psicanálise. Uma das mais importantes contribuições da psicologia junguiana reside na atenção dada ao processo de desenvolvimento psicológico adulto, deflagrado na meia idade com a metanóia. O termo deriva da palavra grega *μετάνοια* e significa arrependimento, conversão, sugerindo na transformação da própria idade física à adoção de novos valores interiores. Etimologicamente, a palavra metanóia é formada pela aglutinação de prefixo grego *meta* que significa “mudança” com *nous*, termo filosófico aproximado de “mente”; assim, “mudança da mente”. Jung foi buscar esse termo no contexto teológico, mais precisamente no Novo Testamento, no qual encontramos a transformação através de uma experiência religiosa capaz de promover uma ruptura nos valores, ideais e preceitos até então adotados.

A crise da segunda metade da vida frequentemente começa quando o indivíduo toma conhecimento de mortalidade e da iminente morte. Às vezes, isto pode ser desencadeado através de alguma experiência de perda de um membro da família, colega ou amigo. Porém, geralmente, sem razão aparente, ele se torna obcecado pela perda da juventude, anunciada pelos sinais da idade. Este momento é crítico, pois o sujeito entra em contato com profundos sentimentos de perda que trazem solidão, depressão, raiva, ciúme, traição, exílio e impotência.

Neste momento, o indivíduo sente-se destruído, desmembrado e desagregado. Mais uma vez, um estopim externo, tal como um relacionamento, desencadeia esses poderosos sentimentos. O que estava inconsciente está acordando, a psique, nossa alma está inquieta, e uma voz interior berra por entendimento e um significado profundo.

Nossas crenças religiosas, espirituais e filosóficas se abrem às mudanças configurando um grande desafio. Geralmente, estamos enredados por um relacionamento, por um forte sistema político, étnico ou religioso, há no mínimo duas décadas, e agora essas crenças entram em colapso dentro de nós, pois temos ânsia de saber em que realmente acreditamos.

O desenvolvimento psicológico na metanóia é geralmente iniciado com uma crise depressiva ou por questionamentos interiores, o indivíduo, na metade da vida, começa a não dar tanta importância aos moldes da sociedade e entra, aos poucos, e, frequentemente de forma dolorosa, num processo de renascimento de si mesmo como um novo ser. A sincronicidade (definida por Jung como “ordenação acausal geral”) exerce um importante papel nessa jornada para desenvolvimento nesta fase da vida.

Assim, a meta do processo de individuação na segunda metade da vida é tornar-se um indivíduo em sua magnitude, o que é relacionado com o transcender. A transcendência do Ego é necessária para que possamos vivenciar o “verdadeiro eu”, a nossa essência. Para tanto, devemos recorrer à humildade, ir de encontro à nossa própria pequenez, tendo a consciência de que isto não significa esconder as nossas qualidades e virtudes, mas, simplesmente, não vivermos apoiados nestas qualidades infladas, como sendo as melhores que existem.

Como resultado da metanóia, o Ego abandona as formas de adaptação, que seriam as regras padronizadas de convivência com o coletivo, e embarca em uma “jornada de tornar-se um indivíduo singular”. Dentre outras definições, a metanóia refere-se ao viver a sua própria individualidade no coletivo. Não se deve confundir este objetivo com o que se conhece como perfeição, pois alcançá-lo não pressupõe a aceitação de regras ou da uniformização de atitudes

externas. Individuar-se é realizar a sua própria individualidade enquanto em sociedade. Nesse sentido, o “sede perfeitos” do Novo Testamento equivale a: realiza sua individualidade, que é a verdadeira essência divina.

O Ego é a chave fundamental para o processo de individuação, já que é necessária uma colaboração ativa de um Ego consciente e capaz de tomar decisões responsáveis. Segundo von Franz (2005, p. 162):

Tudo acontece como se o ego não tivesse sido produzido pela natureza para seguir ilimitadamente os seus próprios impulsos arbitrários, e sim para ajudar a realizar verdadeiramente a totalidade da psique. É o ego que ilumina o sistema inteiro permitindo que ganhe consciência e, portanto, que se torne realizado.

Von Franz ainda afirma que o Ego “deve despojar-se de seus projetos ambiciosos e à serviço do egocentrismo para entregar-se à uma fonte de existência mais profunda e elevada, escutando atentamente o impulso interior de crescimento”.

Na segunda metade da vida, o desenvolvimento do Ego não deve caminhar mais em direção ao mundo externo, mas para o interior da psique. Para Jung, a relação entre consciente e inconsciente é compensatória. Ou seja, o Ego para compensar o movimento anterior, de expansão para fora do inconsciente, precisa agora, em sentido centrífugo, recolher-se ao inconsciente. Sua tarefa passa a ser, então, a de despir-se da Persona, enxergar a Sombra e construir, através dos opostos da psique, um ser uno. Tendo anteriormente que se separar-se do Self, deve agora, dele se aproximar, configurando, assim, uma necessária mudança de direção.

A metanóia é o termo junguiano que descreve esta mudança de direção. Nesta fase, a pessoa deve perceber que não faz mais sentido continuar a perseguir os mesmos objetivos. Questiona-se, desta forma, sobre o que ainda falta ser feito, mesmo depois de ter passado por tantos obstáculos, provações e conflitos em sua vida. Muitos podem se perguntar se realmente existe algo ainda a ser feito ou mudado neste ponto da vida; para Jung, a resposta é “sim”. Não precisamos ir além para constatarmos isso, porque muitas pessoas procuram um terapeuta na metade de sua vida para essa reintegração com o Self mais do que para a eliminação de resíduos de complexos infantis. Em grande parte, essas pessoas são bem sucedidas profissionalmente, conquistaram muitos de seus objetivos, e agora desejam algo a mais.

O processo de individuação é resultado desses questionamentos do indivíduo consigo mesmo e para com o coletivo. O individuar-se depende da essência do Ego; embora dependa

também da genética, da educação, do ambiente familiar e cultural, certamente a todos transcende. O objetivo do processo de individuação é fazer o indivíduo tornar-se a pessoa que realmente é. Por isso o sentimento de alegria, uma convicção forte e espontânea que surge quando nossas atividades individuais estão alinhadas com a nossa essência. É quando sentimos que estamos no caminho da individuação.

Segundo Nise da Silveira, existe em toda pessoa uma tendência à realização, ou melhor, à auto realização, no sentido de um crescimento, um desenvolvimento que leva o ser “a completar-se”, ou seja, a buscar a sua totalidade, a sua integridade, no sentido de inteireza, de ser por inteiro e não parcialmente. A individuação, enquanto uma “tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas” (SILVEIRA, 2001, p.78), provém de um “confronto” entre o inconsciente e o consciente, o que pode ser entendido como um movimento de interatividade que ora aparece como um conflito, ora como colaboração entre essas duas instâncias psicológicas, quando o ego parte ao encontro com o Self. Desta interatividade surge uma fusão, uma síntese, uma conjunção que, em termos junguianos, seria a *sizígia*, a união dos opostos, cujo resultado é um indivíduo específico, autêntico, genuíno e inteiro.

Outro ponto importante é que o processo de individuação pode levar a certa solidão, na medida em que, ao longo do desenvolvimento da personalidade as relações interpessoais mudam, as relações de estreita dependência se transformam, fruto de um processo de auto-diferenciação onde o indivíduo se percebe não como um produto do meio, da sociedade, da família ou do sistema de pensamento vigentes, mas sim como algo diferente disso tudo, um ser genuíno e único. Apesar do “eu” ter muitas influências do pai e da mãe, o “eu” não é nem um nem o outro, nem os dois juntos, mas uma terceira entidade, com gostos, características e comportamentos próprios e únicos. O que nos leva ao conceito da individualidade própria, a unicidade.

Antes de descrever as principais etapas do processo de individuação, seria interessante refletir sobre os empecilhos deste processo, ou seja, fatores que podem dificultar a individuação: as resistências. Essas resistências podem aparecer na forma de medos, dúvidas, fantasias de destruição, fantasias de abandono, rejeição e expectativas catastróficas: “se eu não for conforme ao que os outros gostariam que eu fosse, eu não serei aceito, então é melhor eu não me completar”. Muitas vezes, o indivíduo sabota seu próprio processo de individuação por medo de desapontar, causar desgosto à sua família ou ao seu meio social, na medida em

que a sua realização como pessoa frustrar as expectativas que possam pairar sobre a sua pessoa em termos profissionais, afetivos, e até mesmo de orientação sexual. Por outro lado, as resistências ao processo de individuação podem surgir por causa de auto-imagens negativas, oriundas de experiências traumáticas, quando a pessoa se culpa por tudo o que aconteceu, e, a partir daí acha que não merece crescer, desenvolver-se e ter direito à sua própria individualidade.

Stein descreve esse limiar magnificamente. Ele escreve sobre sentimentos de alienação, marginalidade e influência, nos quais o “eu” está desabrigado, sem rumo e sozinho navegando entre ele mesmo e o “não-eu” (1983, p.9). Esse “limiar”, geralmente é simbolizado como uma terra perdida, uma floresta negra, um deserto ou uma mata, onde existe total falta de significado, senso de orientação e muita confusão e medo. Nele, somos tentados a abandonar os nossos sonhos e a perdurar nessa aparente inércia, porém um novo sonho ou visão surge. Exatamente nesse momento sentimos como se estivéssemos realmente vagando pelo deserto sem esperança e fé no futuro. As experiências internas e externas desse momento podem assumir algumas formas: uma solidão angustiante; vontade de fugir e encontrar um caminho espiritual. Nós recebemos essas mensagens do inconsciente na forma de sonhos, de fantasias, que nos guiam em direção a um senso de integridade, essência e espiritualidade. Intimamente, em nossos corações, uma busca espiritual. O profundo significado dessa jornada através desses limiares e lugares de incertezas é a integração do Ego com o Self, com a nossa alma.

Já que para Jung a individuação simboliza a separação do homem da vida caótica, protegido e guiado pela influência divina, Eros, de acordo com Brandão (1987), seria o princípio primordial que nasce desse caos. Na metanóia, ele, por ser uma força arquetípica, é constelado para agir na recomposição e reconfiguração da psique.

A reintegração do Ego ao Self significa abandonar gradativamente os moldes identitários que foram necessários à integração na sociedade como a Persona, e assumir uma imagem do Self que irrompe de dentro de nós. Isto não quer dizer que precisamos abandonar o mundo real e tentar construir um mundo novo, pois, de acordo com Jung, a experiência social que temos não é destruída pelo Ego, apenas ajustada às nossas reais necessidades interiores.

A Persona usada pelo Ego em nossa fase adulta é uma máscara oferecida pela sociedade e elaborada por elementos sociais que de alguma maneira moldam o indivíduo, pois

a personalidade é fruto de uma construção social. Esta Persona é muito importante para nossa adaptação às imposições culturais e expectativas de nossa cultura. Na metade de nossa vida, o Ego, que tem tido a Persona como o verdadeiro eu, começa a esboçar as diferenças entre o “verdadeiro eu” e o “eu social”, que tem sido dominante. Simbolicamente, é como se essas duas estruturas da psique fossem dois caminhos distintos: um leva ao que já somos e o outro ao que seremos. Esta nova pessoa, longe de ser uma construção social, é singular e individual.

Logo, isto não significa que a pessoa pode torna-se “qualquer coisa”, ou “qualquer um” que queira ou imagina. O Self surge e reassume a sua posição de comando, usurpada pelas forças externas: os padrões sociais, culturais e religiosos encarnados na Persona. Agora, o Ego é comandado por essa força interior. O Self surge das profundezas da psique em diversas formas: sonhos, intuições, inspirações, fantasias e como um forte impulso de questionamento de quem realmente a pessoa é. Arrancando, deste modo, a Persona fora da face e reconstruindo outra, certas primazias tornam-se inúteis e o viver exige um significado, um propósito.

Este terceiro nascimento não significa que passamos pelos outros sem levarmos conosco nenhum resquício deles: algum aspecto narcisístico; algum grau de *participation mystique* com outros e com o meio em que vive; alguma fixação infantil, ou, ainda, qualidades e defesas pueris. Este nascimento, ou seja, esse processo de individuação, está intimamente ligado à união dos opostos em nossa psique: a Persona e a Sombra; Anima e Animus, o Eros e o Logos, o interior e o exterior.

Assim o processo de individuação exposto por Marie Louise von Franz em o **Homem e seus símbolos** (2005) é o caminho para entendermos os novos rumos de nossa vida, desencadeados pelas verdades reveladas na metanóia. Para um melhor entendimento, seguem abaixo cinco pontos, elencados por von Franz, do processo de individuação. De forma sistemática, a autora descreve alguns “passos” do processo de individuação: 1. A configuração do crescimento psíquico; 2. O primeiro acesso ao inconsciente; 3. A realização da Sombra; 4. A integração no Self; 5. O aspecto social do Self.

1.1 A configuração do crescimento psíquico

Neste ponto, von Franz apresenta o conceito de individuação provindo das teorias desenvolvidas por Jung. Como já citado, neste processo, o indivíduo segue em direção ao centro da psique, que conscientemente o guia de volta à interioridade.

Observando um grande número de pessoas e estudando seus sonhos (calculava ter interpretado ao menos uns 80.000 sonhos), Jung descobriu não apenas que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha mas que também são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu também que, no conjunto, parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou "o processo de individuação" (2005, p. 160).

Desse modo, o desenvolvimento psicológico segue uma direção, a individuação, o tornar-se si mesmo, livre das amarras externas que o desviou de seu caminho e desenvolvimento. O Self, principalmente através dos sonhos, mostra ao indivíduo que existe algo ainda maior do que aquilo que está à luz da consciência e, ou até mesmo, além do que a pessoa pode compreender. Guiando-a nesse processo,

O Self pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido através da investigação dos sonhos de cada um. E estes sonhos mostram-no como um centro regulador, centro que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. Mas este aspecto mais rico e mais total da psique aparece, de início, apenas como uma possibilidade inata. Pode emergir de maneira insuficiente ou então desenvolver-se de modo quase completo ao longo da nossa existência; o quanto vai evoluir depende do desejo do ego de ouvir ou não as suas mensagens (2005, p. 162).

Logo, podemos então compreender que o Self, o si-mesmo, oferece o caminho para que a consciência seja reintegrada a ele e, que este caminho principalmente é manifestado nos sonhos, mitos e contos de fada.

1.2 O primeiro acesso ao inconsciente

De acordo com von Franz, este primeiro acesso é sempre traumático, pois o indivíduo arranca a máscara até aqui usada, ou seja, ocorre um ruptura com o que antes era padrão e tido

como normal. Entretanto, uma ruptura necessária para o desenvolvimento que não era considerado importante ou necessário anteriormente.

O verdadeiro processo de individuação — isto é, a harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou self — em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do conseqüente sofrimento. Este choque inicial é uma espécie de "apelo", apesar de nem sempre ser reconhecido como tal. (2005, p. 166)

Esta lesão infligida à personalidade transforma-se em uma grande frustração, pois o modo como o indivíduo conhece a si próprio é severamente abalado, assim como, seu relacionamento com os outros também sofre um forte abalo. Quando ele percebe que todas suas certezas eram pura ilusão, motivando grande sofrimento, começa igualmente a compreender a si próprio e às suas limitações.

1.3 A realização da Sombra

No processo de individuação o neófito vive sua “noite escura da alma”, quando encontra o seu lado obscuro e fica frente a frente com os seus demônios do passado. Psicologicamente, isso representa o encontro com a Sombra. Esse encontro destina-se a torná-lo mais ciente de características que foram negadas, reprimidas, rejeitadas, queimadas, projetadas e ignoradas em si mesmo. É tempo de reconhecimento e integração dessas características que foram “guardadas a sete chaves”. Lógico, que é um processo doloroso, senão tenebroso. No entanto, a solução está em entregar-se a esse processo, superando a dor a ele inerente e estando preparado para a jornada de conhecimento profundo rumo à escuridão, à sombra, ao passado, buscando curar a criança ferida dentro de si. Assim, fica claro que existem mudanças que precisam ser feitas, sendo a oportunidade de tornar-se mais consciente de si mesmo.

Este momento não é apenas de morte, mas de nascimento, um movimento de renovação. Interessante perceber que a palavra grega da qual deriva “psique” significa alma e também borboleta. A alma ou a psique procura deixar a vida rastejante, assim como a lagarta, se transformando reclusa no casulo, para em seguida voar em sua plena forma como borboleta.

Na medida em que nós admitimos a existência da Sombra e dela nos distinguimos, podemos ficar livres de sua influência. Além disso, nós nos tornamos capazes de assimilar o valioso material do inconsciente pessoal que é organizado ao redor da sombra. Murray Stein acrescenta que a Sombra

é caracterizada pelos traços e qualidades que são incompatíveis com o ego consciente e a persona. A sombra e a persona são “pessoas” estranhas ao ego que habitam a psique junto com a personalidade consciente que nós próprios sabemos ser. A personalidade da sombra não está visível e só aparece em ocasiões especiais. (STEIN, 2001, p.100)

A Persona e a Sombra são muito próximas e ao mesmo tempo opostas. Tudo que não é adaptável socialmente vai para a sombra (a inveja, a raiva, o ciúme, a cobiça, a imoralidade, etc.), assim como aspectos positivos que não são reforçados ou aceitos social e culturalmente, vão para a sombra, como é o caso da criatividade, por exemplo. Portanto, a sombra não é apenas o lado escuro ou cruel de nossa personalidade. A Sombra tem seu lado bom: aspectos de nós mesmos que compreendem nossos desejos não vividos, talentos e habilidades que têm sido negados ou nunca trazidos à luz da consciência. A Persona mira a perfeição enquanto que a Sombra nos lembra que somos humanos e podemos errar.

Para desvelar a Sombra, primeiro temos que aceitar e levar a sério a existência dela. Conseguimos isso quando percebemos como os outros interagem conosco e como nós interagimos com eles. Segundo, temos que estar atentos às qualidades e intenções da Sombra. Nós descobrimos isso através da atenção e entendimento de nosso humor, fantasia e impulsos. Por fim, um longo processo de negociação entre o “eu” e o “não-eu” é inevitável.

Enfim, como desde muito cedo aprendemos a representar papéis que nos propiciem ganhos, aceitação, e causem menos embaraços, escondemos ou projetamos aspectos menos valorizados, porém, tudo o que é desconhecido ou não trabalhado, torna-se ameaçador à integridade psíquica.

Quando o inconsciente a princípio se manifesta de forma ou negativa ou positiva, depois de algum tempo surge a necessidade de readaptar de uma melhor forma a atitude consciente aos fatores inconscientes — aceitando o que parece ser uma "crítica" do inconsciente. Através dos sonhos passamos a conhecer aspectos de nossa personalidade que, por várias razões, havíamos preferido não olhar muito de perto. E o que Jung chamou "realização da sombra". (Ele empregou o termo "sombra" para esta parte inconsciente da personalidade porque, real-mente, ela quase sempre aparece nos sonhos sob uma forma personificada.) (von FRANZ, 2005, p, 168)

Neste momento, é de suma importância também compreendermos outros arquétipos que fazem parte desse processo: Anima e Animus. Estes Arquétipos devem ser encarados como pessoas reais, entidades com quem se pode comunicar e de quem se pode aprender, pois eles podem influenciar ou até dominar aqueles que os ignoram ou os que aceitam cegamente suas imagens e projeções como se fossem deles mesmos.

Conforme autores junguianos, da mesma forma que o homem e a mulher têm características físicas e hormonais em comum, também têm elementos psicológicos um do outro. No inconsciente feminino encontra-se uma personalidade masculina e no inconsciente masculino, uma personalidade feminina. A personificação do princípio feminino no inconsciente do homem, a Anima, resulta das experiências que o homem acumulou ao longo de milênios relacionando-se com a mulher; o Animus personifica os aspectos masculinos no inconsciente da mulher e também é resultado das experiências vivenciadas pela mulher com o homem ao longo de milênios.

A Anima tanto é um complexo pessoal quanto uma imagem arquetípica da mulher na psique do homem. Ela é um fator inconsciente em cada homem e é responsável pelo mecanismo de proteção. Inicialmente identificada com a mãe pessoal, a Anima é depois vivenciada não somente em outras mulheres, mas como uma influência persuasiva na vida do homem. Como diria Jung: “É o arquétipo do significado ou do sentido, tal como a anima é o arquétipo da vida.” (2002b, p. 41)

A Anima é associada ao princípio de Eros, refletida na relação do homem com as mulheres. Dentro da psique masculina, a anima funciona como alma, influenciando idéias, atitudes e emoções.

A anima não é alma no sentido dogmático, nem uma anima rationalis, que é um conceito filosófico, mas um arquétipo natural que soma satisfatoriamente todas as afirmações do inconsciente, da mente primitiva, da história da linguagem e da religião. Ela é um "factor" no sentido próprio da palavra. Não podemos fazê-la, mas ela é sempre o a priori de humores, reações, impulsos e de todas as espontaneidades psíquicas. (JUNG, 2002b, p. 37)

A Anima é um fator da maior importância na psicologia do homem, sempre que são mobilizadas suas emoções e afetos. Ela intensifica, exagera, falseia e mitologiza todas as relações emocionais com a profissão e com pessoas de ambos os sexos. As teias da fantasia a ela subjacentes são obra sua. Quando a Anima é constelada mais intensamente, ela abrandando o

caráter do homem, tornando-o excessivamente sensível, irritável, de humor instável, ciumento, vaidoso e desajustado. (JUNG, 2002b, p. 82)

Como uma personalidade profunda, a Anima é complemento da Persona exercendo uma função compensatória. Desde que o caráter da Anima pode ser geralmente deduzida pela Persona, todas as qualidades ausentes na consciência serão encontradas no inconsciente. Tão longo, a Anima irrompe do inconsciente, tudo que corresponde a ela é projetado. Muito comum, por causa da pequena distância entre a Anima e a imagem da proteção materna, que recai na parceira com previsíveis resultados.

Assim como a Anima no homem, o Animus é tanto um complexo pessoal quanto uma imagem arquetípica. O Animus corresponde ao Logos paternal assim como a Anima ao Eros maternal. Logo que a Anima funciona como alma para o homem, o Animus da mulher é mais que uma parte da psique inconsciente. Ele se manifesta negativamente em idéias fixas, opiniões coletivas e inconscientes, a priori, crenças que soam como verdadeiras. Quando uma mulher se identifica com o seu Animus, o Eros torna-se secundário, dando espaço ao Logos, perdendo a sua feminilidade e as suas funções maternas. Não importa o quão amigável e prestativo seja o Eros, nada muda na mulher se ela está envolvida por seu Animus.

O Animus apenas se torna positivo psicologicamente quando a mulher consegue diferenciar o que vem de um complexo psíquico e o que ela mesma realmente pensa. Através da figura do pai, ele não apenas se expressa em opiniões convencionais, mas igualmente no que chamamos de espiritual, filosófico ou religioso, ou ainda melhor, em atitudes que vem dessas opiniões.

Jung descreve quatro estágios do desenvolvimento do Animus na mulher. Ele primeiro irrompe nos sonhos e nas fantasias travestido de poder físico, tais como um atleta, um homem musculoso ou grande. Depois, o Animus preenche a mulher com sentimentos que a fortalecem, gerando iniciativa e capacidade para ações mais profundas na vida. Nesse momento, o Animus está por trás do desejo feminino de independência e de uma vida por conta própria. No próximo momento, o Animus se torna o “verbo”, geralmente personificado nos sonhos como um professor, um padre ou alguma figura ligada à oratória. No quarto momento, o Animus é a encarnação do significado divino. Assim como a Anima que se torna Sofia, o Animus é mensageiro entre a consciência e o inconsciente feminino. Na mitologia este aspecto é personificado como Hermes, o mensageiro dos deuses nos sonhos ele cumpre a função de guia. Essa imagem pode ser projetada em um homem na vida da mulher, criando

expectativas falsas e brigas. Assim como a Anima, o Animus é um amante ciumento. Os julgamentos do Animus são invariavelmente coletivos da mesma forma que a Anima acredita em suas projeções entre marido e mulher.

Enquanto que a tarefa do homem em assimilar os efeitos da Anima envolve descobrir seus verdadeiros sentimentos, a da mulher consiste em torna-se familiar com a natureza do Animus através de se questionar sobre atitudes e idéias.

Logo, Anima e Animus representam um inconsciente mais profundo do que a Sombra; através do contato com esses elementos da personalidade entramos no domínio do inconsciente coletivo. Diferentemente da Persona, que facilita a adaptação externa, Anima e Animus são instâncias necessárias à adaptação interna (contato com o simbólico, subjetivo, coletivo), através dessas estruturas o Ego pode se relacionar com as partes mais íntimas da psique.

Sobre a manifestação da Anima/Animus nas relações inter e intrapessoais, Murray Stein coloca que

pode-se observar com bastante facilidade o tratamento que uma pessoa dispensa a outras, mas requer mais sutileza ver como as pessoas se tratam a si mesmas. Os modos como percebem o interior mais profundo de si mesmas caracterizam sua atitude de anima ou animus. Os homens sob o domínio da anima tendem a refugiar-se em sentimentos de mágoa e resignação, as mulheres sob o domínio do animus tendem a atacar. Os homens tipicamente buscarão então uma mulher que os ajude a dominar suas emoções, e as mulheres tipicamente encontrarão um homem que possa receber seus inspirados pensamentos e fazer algo com eles. (STEIN, 2001, p.119-121)

Uma Anima ou Animus mal desenvolvido, prejudica as relações sociais e individuais, torna as relações internas e externas totalmente desadaptadas, inadequadas, retendo grande fluxo de energia, tão necessária à dinâmica e estruturação do *ser*, a não ser que encontre vias criativas para canalizá-las, o indivíduo freqüentemente tornar-se-á agressivo, sem controle das emoções, transmitindo a impressão de arrogância e prepotência desmedidas.

A Anima negativa leva o homem a ter uma vaidade exagerada, constantes alterações de humor, explosões emocionais, caprichos. Quando positiva a Anima se expressa em forma de sensibilidade, sentimento, intuição e paciência, representando a criatividade.

O Animus negativo leva a mulher a relacionamentos sofríveis, causando sérios danos, porque dominada por esses impulsos inconscientes ela se torna autoritária, dominadora.

Porém, se desenvolvida adequadamente, promove a criatividade, conferindo auto-confiança e força intelectual.

Ao se conseguir lidar igualmente com os conteúdos conscientes e inconscientes, ou seja, conciliar conteúdos pessoais (Ego) e coletivos (arquetípicos), se estabelece harmonia, e conseqüentemente ocorre à liberação adequada da energia psíquica, e progressiva adaptação às exigências da vida.

1.4 A integração no Self

Neste momento do processo de individuação ocorre a integração com o Self, ou seja, a Sizígia. Depois desse encontro, tudo se torna evidente e claro.

O Self não está inteiramente contido na nossa experiência consciente de tempo (na nossa dimensão espaço-tempo), mas é, no entanto, simultaneamente onipresente. Além disso, aparece com freqüência sob uma forma que sugere esta onipresença de uma maneira toda especial; isto é, manifesta-se como um ser humano gigantesco e simbólico que envolve e contém o cosmos inteiro. Quando esta imagem surge nos sonhos de uma pessoa podemos ter esperanças de uma solução criadora para o seu conflito porque agora o centro psíquico vital está ativado (isto é, todo o ser encontra-se condensado em uma só unidade) de modo a vencer as suas dificuldades. (von FRANZ, 2005, p 200)

Dentro do enfoque analítico o Self define-se como armazenador de todas as possibilidades e potencialidades humanas; a matriz do *ser*, ou seja, uma espécie de organizador central que coordena as ações e mantém a pessoa em relação de equilíbrio e integridade com sua individualidade, no sentido de unidade e totalidade. Murray Stein nos aponta que

em oposição aos que supõem que as mais importantes características do desenvolvimento psicológico e do caráter ocorrem na infância e nada de grande importância acontece depois disso, Jung viu o desenvolvimento como contínuo e as oportunidades para promover um ainda maior desenvolvimento psicológico como uma opção ao alcance das pessoas de qualquer idade, incluindo a meia idade e a velhice. Isso não quer dizer que ele minimizasse o desenvolvimento dos primeiros anos de vida e certamente prestou atenção às características e tendências herdadas da personalidade, mas a plena expressão e manifestação da personalidade leva uma vida inteira para desenrolar-se. O si-mesmo emerge pouco a pouco, através dos numerosos estágios de desenvolvimento. A vida é muito mais do que abriremos caminho no mundo, equipados com um ego e uma persona sólidos e bem-

estruturados. O estado de espírito da pessoa de meia-idade reflete a idéia de que ao chegar aí, o que podia ser feito está feito. A tarefa agora consiste em unificar o ego com o inconsciente, o qual contém a vida não vivida da pessoa e o seu potencial não-realizado. O sistema psíquico como um todo consiste em muitas partes. Pensamentos e imagens arquetípicas situam-se num pólo do espectro, as representações de pulsões e instintos no outro extremo, entre os dois encontra-se uma vasta quantidade de material pessoal, como memórias esquecidas e lembradas, e todos os complexos. (2001, p. 152-158)

1.5 O aspecto social do Self

Após essa batalha interior, a Anima ou o Animus reconcilia o indivíduo com o mundo social. Uma vez assimilado o processo, o único risco é o indivíduo repudiar o mundo social e se isolar dele. Ao perceber que o inconsciente chama a uma integração de opostos, o indivíduo pode assumir que a única realidade é o processo de individuação de forma solitária, sem se aperceber da realidade coletiva. Contra isso, o próprio Self se coloca como obstáculo, pois cada vez mais o processo de individuação se desenvolve, mais o indivíduo se torna próximo, através do Self, de outros indivíduos que buscam o mesmo objetivo. Dessa forma, o processo de individuação toma características sociais, como a missão, o dever, a responsabilidade.

Tanto quanto compreendemos hoje o processo de individuação, o Self tende, aparentemente, a produzir estes pequenos grupos criando, ao mesmo tempo, laços afetivos bem-definidos entre certos indivíduos e um sentimento de solidariedade geral. Só quando estas conexões são criadas pelo self é que se pode ter alguma certeza de que o grupo não será dissolvido pela inveja, pelo ciúme, por lutas e toda sorte de projeções negativas. Assim, a devoção incondicional ao nosso processo de individuação traz também melhor adaptação social. (von FRANZ, 2005, p. 223).

Assim, o processo de individuação corresponde à realização concomitante da transformação do indivíduo e da sua integração na coletividade. Isto pode ser explicado através das funções da psique, em sua atuação individual e integrada, coordenada pelo Self, como centro regulador inconsciente. Realiza-se através da dinâmica de compensação, que comanda a transformação da energia psíquica. E pode ser dirigido, conscientemente, pela interpretação dos símbolos, que expressam a dinâmica de compensação inconsciente.

Mas, como dissemos no início, é praticamente impossível transmitir a realidade total da nossa experiência neste novo campo. Ela é, muitas vezes, única e só pode ser expressa pela linguagem de modo parcial. E aqui também fecha-se uma outra porta, desta vez à quimera de que se pode

entender completamente uma outra pessoa e dizer-lhe o que melhor lhe convém. Mais uma vez, no entanto, vamos encontrar uma compensação para esta lacuna no novo reino que se apresenta à nossa experiência graças à descoberta da função social do Self, que trabalha secretamente para unir indivíduos que se acham separados e que foram feitos, no entanto, para se entender (JUNG, 2005, p. 229).

Dada esta dimensão do processo de individuação, o fato dele estar intrinsecamente ligado ao processo em que o indivíduo não só atinge a transformação do eu, mas a “realização de seu si-mesmo,” de sua transformação transcender ao seu próprio ser, Jung desfaz a idéia de que individuação e individualismo são a mesma coisa. O individualismo geralmente desemboca em um tipo de ser narcisístico, centrado apenas no ego e nas suas vontades e desejos, envolvendo o indivíduo com egoísmo e prepotência, enquanto que a individuação inclui e integra os opostos.

CAPÍTULO II

O ROMANCE E AS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS

2.1 – O enredo: a trama e os dramas

Exílio¹ é um romance narrado em primeira pessoa por um eu autodiegético que, através de suas lembranças conta a sua trajetória de vida. A narrativa desnuda um sujeito ficcional que extravasa seus sentimentos na forma de auto-análise, fornecendo um retrato da vida interior da personagem central. A narradora-protagonista mergulha nas profundezas de suas memórias através do fluxo da consciência ao narrar sua dor em tom confidencial e íntimo com divagações, pensamentos e sentimentos que são compartilhados com uma figura secundária, o Anão.

Trata-se de um relato da história de vida de uma médica obstetra, casada e mãe de um único filho, apenas denominada de Doutora, em sua relação familiar. Esta, apesar de ser uma mulher bem sucedida, está perdida, confusa e acuada. O divórcio aos quarenta anos transformou de maneira radical a rotina de sua vida o que também propiciou sua jornada de autoconhecimento.

Como é sabido, o processo de individuação é sempre motivado por um fato questionador, desencadeador de inquietações através de um erro, por uma reviravolta na vida de um indivíduo. No caso de Doutora, a narrativa deixa evidente que se abriu uma série de motivações para que a personagem interioriza-se fatos de sua vida conjugal e de seu papel de mãe. Em primeiro lugar, esta mulher, devido à sua profissão, que lhe exigiu sempre tempo integral, não se sentia uma mãe ideal para seu filho. Ela sempre se viu como mãe omissa, por outro lado também, devido à sua ausência do lar, ela soube da traição de seu marido, sendo este o motivo principal de sua separação.

Logo, os diversos fatores que desencadearam a derrocada da vida conjugal da protagonista, que serão analisados minuciosamente na continuação de nosso trabalho, promoveram uma espécie de tomada de consciência do erro que levaria a personagem a admitir a necessidade de fazer uma avaliação existencial para organizar a sua vida familiar.

¹ As citações do romance *Exílio* serão referendadas com letra E e o número da página.

Todavia ela sentia necessidade de se autoconhecer, um desespero mudo de avaliar as suas perdas e de, se possível, tramar um futuro com resolução desse problema.

Assim, ela se afasta de sua casa e vai se hospedar em uma pensão onde coincidentemente residem outras pessoas que estão enfrentando problemas vivenciais e de saúde física. Todavia, o local escolhido pela personagem congrega diversos outros problemas que vão influenciar em seu processo de cura psicológica. Neste lugar, Doutora entra em processo de avaliação desde a infância até a sua separação conjugal, cujos episódios provocam além de dores físicas e morais profundas, conflito, depressão, indagações, dúvidas, idas e vindas do passado para o presente, explicitando sentimentos vivenciados na crise da meia idade. Doutora começa a juntar os seus dramas para entender o que deu errado em seu casamento. Questiona se seu marido, Marcos, seria um “canalha”, quais eram os seus motivos para traí-la; por que ela não faz parte do mundo do filho e, se estaria apaixonada por Antonio, seu novo amor após a separação. Nesse processo memorial de retomada do passado, evidencia-se na narrativa um fator que parece implicar mais diretamente o cerne do problema: a sua relação com a mãe, fato a que faremos referência no momento devido.

2.2 - O purgatório das almas exiladas

O ambiente em que Doutora se confina, para viver o processo de revisão e de avaliação dos dramas existenciais que provocaram o seu maior conflito é a Casa Vermelha. Este espaço que chamamos de “purgatório” é uma pensão decaída que fica na cidade vizinha àquela em que ela residiu com Marcos e Lucas. Esta casa, que traz em sua estrutura a decadência, revela o abandono por parte da proprietária, chamada de Madame, que não realiza reformas e nem se preocupa com o bem-estar dos hóspedes que convivem com a podridão: “No andar térreo, o bafo de umidade, azeite rançoso, cozinha suja. Meu estômago me incomoda” (E. p.24).

Os aspectos atrativos não estão na Casa Vermelha, mas no espaço em que ela está inserida. Em **Exílio**, além da pensão que fica um pouco distante da cidade, o espaço é constituído por uma reserva florestal e um penhasco, do qual se vislumbra o oceano. A floresta surge como uma região de acesso proibido, pois está cercada por arames farpados. Algo inacessível que prende a curiosidade de Doutora durante o romance, um espaço possível

de revelações pelo desejo incontrolável dela de enveredar nas grutas escuras da floresta: “Do outro lado do beco, a floresta sobe o morro: sedutora, inatingível. Apenas uma das árvores, mais clara que as outras, tocada por um sopro de vento. O resto, uma paisagem de vidro dentro de um peso de papel” (E, p. 14).

Os espaços que cercam Doutora vão adquirindo significações diferentes ao longo do romance, simbolicamente uma fusão do interior e exterior da personagem central. Eles podem ser compreendidos como um espaço arquetípico materno que expressam aspectos positivos de criar, proteger, acolher; e negativos que aprisionam a mente ferida em um estado de apatia e desolação (cf. RIBEIRO, 2006).

A Casa Vermelha adquire uma simbolização diferente, assemelhando-se a uma embarcação à deriva levando almas desgarradas: “Chove sobre a floresta. Chove forte sobre a Casa Vermelha, que carrega na noite seu fardo de sofrimento e loucura, vidas desconectadas, sem raiz... mas de certa forma unidas entre si pela falta de um destino, de um sentido. Precário barco: quem é o timoneiro?” (E, p. 134). Bachelard (apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 122) observa que esta embarcação pode “despertar consciência do erro”. Consciência do que lhe fez perder o prumo de seu destino, a vontade de continuar, de produzir, de viver. Através do simbolismo do mitólogo Joseph Campbell, interpretamos esse espaço sujo como local de transformação, premissa de renascimento que nos remete ao conceito de “o ventre da baleia”.

Jung acrescenta que qualquer um que sai de si mesmo em busca de um novo ponto de equilíbrio enseja um ato heróico. Assim temos Doutora como uma heroína em um reino desconhecido onde seus monstros estão sempre à espreita. Esses monstros são as inquietações que martelam a consciência da narradora-protagonista, exigindo soluções urgentes. A Casa Vermelha seria então esse ventre, que ao mesmo tempo em que nutre para o nascimento de um novo ser, pode tornar-se devorador e aniquilador. Lya Luft, em **O Rio do Meio** (2009, p. 87) revela a importância que dá aos espaços privados em suas narrativas. Segundo ela, as casas são espaços importantes porque é nelas que “o fio passa de mão em mão, brotando das mulheres que mal se dão conta do indizível em seus ventres” e que “nas casas lançam raiz futuras lembranças que, somando-se ao que já trazemos ao nascer, vão nos deixar mais fortes ou mais vulneráveis. A vida tem muitos aposentos” (p. 87).

Então, sobrevivo a mais um dia de espera, e dor. E perdas. As recentes, feridas com sangue vivo: minha casa, profissão, amigos, cidade, segurança, e meu único filho, Lucas. (Que tem seis anos e não consegue me entender.)

Perdas antigas: quase esquecidas, mas agora reavivadas, e cheias de pus; o tempo as infeccionou, e eu nem sabia: a morte de minha mãe; de meu pai; a morte de meu irmão, pois de certa forma, embora viva aqui no andar de cima, cuidado pelo seu Enfermeiro, ele também já morreu. (E, p. 19)

O recolhimento na Casa Vermelha, destinado à auto-avaliação, à purificação do ser, ao arrependimento dos erros, metaforiza o espaço transitório para conseguir um novo equilíbrio psicológico e espiritual, denominado de purgatório. Ela assim penetra em um “espaço sagrado” ou “místico,” no qual suas provações serão lançadas e revelações serão alcançadas. Essas provações serão analisadas em momento oportuno no processo de individuação da personagem central. Assim, em determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento. Por exemplo, ela chega impotente, hesitante, insegura, bloqueada, entregando a própria sorte a Antônio, que lhe esgota a energia, sofrendo por viver naquela “ferida pulsante”. Parece que, como a personagem, a casa também sofre, portanto há uma relação entre personagem e espaço. Trata-se de um espaço homólogo porque reflete simbolicamente os mesmos sintomas, em uma escala maior, das dores e incertezas da alma de Doutora. Assim como a tinta da casa está descascando e revelando suas feridas, “cor desbotada das paredes [...] como pele velha revelando feridas mais velhas ainda” (E, p. 28), a narradora-protagonista se encontra “[...] sensível como alguém a quem tivesse arrancado a pele, tudo dói intensamente” (E, p. 31). Casa e narradora se espelham, sofrem juntas. A Casa Vermelha nos é apresentada quase como uma personagem viva com característica própria, citada com letra capitalizada para indicar a personificação. Além disso, ela está viva e agonizante como se necessitasse de ajuda: “Fico acordada, à escuta: quando o vento é forte, a Casa Vermelha arfa e geme” (E, p. 105). Uma casa que por sua cor traz a visão de um animal ferido, um monstro cuja morte se aproxima e por isso se encontra sangrando sobre o morro: “parece um ferimento no morro” (E, p. 28).

Feridas, marcas de combates psicológicos, estavam estampadas em cada um dos moradores. Desta maneira, a Casa Vermelha se torna um centro em que forças psicológicas conflitantes determinam o encaminhamento e o desdobramento dos acontecimentos que formam a jornada de renascimento de Doutora. Assim a cada dia neste centro, Doutora traz à tona os profundos traumas sofridos na sua infância e revividos neste lugar onde ela “encalhou, roída de medo e culpa, atiçada de paixão, mortificada pela dúvida” (E, p. 18).

Outro ponto importante é a própria localização da casa. Ela fica na encosta do mar, distante da cidade, um local de reclusão. A Casa Vermelha é onde todos se encontram

distantes de seus lares, representação concreta do exílio e da dor de todos os habitantes, uma busca pelo “espaço existencial”:

A Casa Vermelha carrega em seu bojo roído pelo tempo, habitado de ratos e infectado de angústias, toda uma raça de exilados. Todos com sua grande nostalgia, sua insaciável sede, tentam adaptar-se como podem. Uns isolam-se mais ainda, como a Mulher Manchada em sua pele de renda; outros dando valor ao mais banal gesto de cordialidade, como as Moças com seu drama secreto; a minha Velha, cada dia absorvendo-se mais em sabe Deus que memórias ou esperas. Nessa idade, acho que a gente só tem memórias; agachada num presente adusto e calcinado, contempla o passado vivo. (E, p. 47)

Paradoxalmente, a Casa é vermelha, uma cor viva, esplendorosa, dinâmica e representante do pulsar da vida, o sangue. Mesmo trazendo uma espécie de morte para a vida de Doutora, ela também representava o que há de mais vivo no ser humano, a vontade pulsante que o move adiante, não importa para que conseqüências. Isto é representado pelo simbolismo da cor vermelha

universalmente considerado como símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho [...] Este vermelho noturno e centrípeto é a cor do fogo central do homem e da terra, o do ventre e do atamor dos alquimistas, onde pela obra em vermelho, se opera a digestão, o amadurecimento, a geração ou regeneração. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 944)

Daí a utilização desta cor para caracterizar as provações de Doutora, a cor vermelha não tinge apenas a casa, mas “queima como fogo” e lhe purifica o ser, preparando para a nova vida ou para o fracasso total. Essas imagens de sofrimento, angústia e solidão da casa se assemelham ao espaço interior da narradora-protagonista que também se encontra agonizando em busca de socorro. Mesmo não sangrando como a imagem da Casa Vermelha, Doutora sangra dentro simbolicamente entrando em contato com os fantasmas de seu passado em busca de respostas e quem sabe um caminho seguro a seguir.

Assim toda essa agonia na Casa Vermelha faz emergir de sua memória a casa infeliz de sua infância. Conforme afirma Bachelard (2005, p.26):

equiparando-a à alma humana visto acreditar que lembrando da casa, dos aposentos, aprendemos a morar em nós mesmos, mergulhar na nossa intimidade. Portanto, as lembranças do mundo exterior nunca hão deter a mesma tonalidade das lembranças da casa [...] as moradas do passado são imperecíveis em nós.

Para Bachelard (2005, p. 357), o espaço da casa pode ser tornado como instrumento de análise para a alma humana. O filósofo ainda nos diz que quando nos lembramos das casas onde moramos e de seus aposentos aprendemos a “morar” em nós mesmos. Daí termos que as imagens da casa estão em nós como nós estamos nelas. Para podermos aquilatar com precisão o valor que damos a todas as nossas imagens de intimidade protegida, faz-se necessário compreender o germe da felicidade central, “encontrar a concha inicial em toda moradia, mesmo no castelo, eis a tarefa primeira do fenomenólogo.”

O aspecto negativo da infância de Doutora também surge na analogia da casa a um circo, um espaço lúdico e grotesco: “o que eu estou fazendo neste circo?”(E, p. 41). Ao longo da jornada essa é reforçada e todos os moradores são tidos como em um espetáculo grotesco:

Pelo menos, em poucos dias estarei com Antônio, no mundo dele, que pela aparência da sua casa deve ser sólido, austero. Sairei deste circo com seu anão, o torturador, as lésbicas, a Madame invisível, a velhinha caduca, as criadas idiotas, a mulher coberta de vitiligo; os estudantes suados e barulhentos, que nada têm a ver conosco; que, de nossa parte, nada temos a ver uns com os outros. (Esqueci Gabriel: meu anjo enfeitado). (E, p. 109)

Tal aspecto pode ser bem compreendido quando Lucas dispensa a mãe porque o pai vai levá-lo ao circo: "Hoje o papai vai me levar ao circo, lá tem palhaço ... tem anão ... fica pro outro fim de semana, tá bom, Mamãe?" (E, p. 81) simbolizando o lado positivo em que ela não está inserida, pois vive em um circo de “horrores” ligado ao grotesco e ao caricato. O circo representa o imaginário infantil, paradoxalmente, contribui para a desconstrução da infância a partir de seu aspecto terrível, que não deixa de ser referência direta à orfandade de Doutora desde sua infância.

2.3 - As personagens: reflexos dos dramas da narradora

Evidenciaremos as personagens que povoam a Casa Vermelha, indispensáveis para a compreensão. Classificaremos e analisaremos baseados na ligação delas com a personagem central, além de discorrermos sobre fatos ou situações que pensamos ser fundamentais, já que percebemos que elas têm influência no desenvolvimento da trama da protagonista.

O Anão, personagem secundário, surgiu na infância da protagonista e a auxiliou para vencer sua primeira crise quando descobriu que sua mãe era alcoólatra. Com a presença desse

“amigo de infância” na Casa Vermelha, Doutora se sente menos sozinha no “meio daquela gente esquisita”.

Pensei no quanto me sentia deslocada naquele cenário, quando avistei sozinho na mesa ao meu lado, bem junto de mim, a cabeçona do anão. Não pude acreditar; devia ser outro, há tanto anão no mundo. Mas era ele: olhei de novo e agora ele em encarou direto. Nem pareceu surpreso. Talvez estivesse ali há dias, e eu, mergulhada nas minhas confusões, não tinha notado. Fez um aceno com a mãozinha grossa, sorriu enrugando mais a cara, depois sinalizou como quem diz: A gente se fala. (E, p. 35)

Através do desnudamento da alma provocado principalmente por sua separação, a personagem central tem ciência de que a vida que vinha levando terminou e uma nova crise eclodiu, revelando feridas mais velhas ainda. Ela encontra mais uma vez abrigo nos comentários cínicos e sábios dessa figura grotesca. Apesar de ser sarcástico em seus comentários, muitas vezes perverso, ele traz tranqüilidade e conforto: “estranho, que me inspire também ternura, mas é alguém familiar nesta casa estrangeira. Velho amigo, espectro de um velho mundo, agora vagando comigo nesta velha embarcação” (E, p. 20).

De acordo com a trama, este personagem surge na função de amigo, compensando a solidão vivenciada pela protagonista pela falta de amizades. Segredos, dúvidas e as poucas alegrias eram divididas com ele. Uma amizade secreta e imaginária que leva Doutora a um solilóquio, o Anão era um refúgio, um abrigo para sua estranha orfandade, com o qual passaria o tempo a brincar e a conversar, contando-lhe todos os seus problemas.

Era ele o meu amigo, pois eu não costumava convidar amigas para a nossa casa; era uma espécie de acordo tácito entre meu pai e eu. Nunca se sabia quando a Rainha Bêbada chegaria na porta, apoiando-se no umbral para não desabar, falando com a língua pesada; ou apenas olhando, com aquele seu ar assombrado que me causava desconforto. (E, p. 78)

Em nenhum momento no enredo fica evidente que esse personagem é imaginário ou real, porém, percebemos que sempre está ligado à figura de um gato. Esse animal não apenas aparece nos sonhos da protagonista, mas também está presente na Casa Vermelha e na Floresta. Durante sua estada na pensão, Doutora é perturbada por miados no telhado que, em sua concepção, são como crianças assustadas chorando em busca da mãe.

O Anão, figura do imaginário infantil, confunde-se, aqui e ali, com o gato preto, esquarterado por Gabriel no início de sua doença:

O gato estava morto há meses, eu me esquecera de tudo, mas aquele relato o ressuscitara em mim. Chorei enquanto meu pai acariciava minha mão. Mas

só depois que o Anão saiu do quarto, há poucos instantes, lembrei que, naquela época, ele há muito não morava na casa de meu pai. (E, p. 168)

O Anão é uma projeção da infância de Doutora e instala, de alguma forma, o fantástico na narrativa. Segundo Todorov (2003, p. 47-48), o fantástico dura o tempo da hesitação e instala-se entre dois gêneros: o estranho (o sobrenatural explicado) e o maravilhoso (o sobrenatural aceito). Aqui o "estranho" surge, pois o que aparentemente é visto como fantástico revela-se como projeção da psique da protagonista. No final do romance, a própria narradora revela a origem simbólica do Anão: "Ele foi filho da minha solidão, da minha orfandade, da loucura de Gabriel, da sede de minha mãe, filho do pântano que nos engole a todos" (E, p. 199).

A fantasia de inventar amigos geralmente acontece para compensar a solidão infantil. Ocorre o mesmo quando a criança é levada para a escola e, quando volta pode começar o solilóquio dos acontecimentos que vivenciou, perguntando ao "amigo invisível" se gostou da professora e dos coleguinhas. No caso de Doutora as perguntas ao gato eram outras. Ela queria entender o motivo pelo qual a mãe era tão infeliz e principalmente porque era alcoólatra.

A voz de sapo do Anão me ensinava, em compensação, segredos que nenhuma menina da minha idade sabia: era bem mais divertido do que rezar, acreditar em pecado e castigo eterno. Era ele o meu amigo, pois eu não costumava convidar amigas para a nossa casa; era uma espécie de acordo tácito entre meu pai e eu. Nunca se sabia quando a Rainha Bêbada chegaria na porta, apoiando-se no umbral para não desabar, falando com a língua pesada; ou apenas olhando, com aquele seu ar assombrado que me causava desconforto. Mas quando eu interrogava o Anão sobre ela, querendo saber o que havia, por que bebia, qual o seu drama, ele logo ficava mal-humorado, dizendo: - Pergunte ao seu pai. (E, p. 78)

O Anão lhe fez companhia, preenchendo um pouco o vazio que se instalou em sua infância, reduzindo a tristeza e a solidão, uma vez que ela vai conversando com o amigo e ouvindo a sua própria voz, a qual, entre outras coisas, a acalma, servindo para a descarga das emoções contidas, que não conseguia canalizar adequadamente.

A figura misteriosa do Anão também adquire características sobrenaturais, ao ver de Doutora. O tempo não existe para essa figura que não envelhece e some e aparece como mágica.

Nem se percebe quando vai ou vem: está sempre por aí. Companheiro de infância, engraçado e sinistro, que perdi por tantos anos e vim reencontrar na Casa Vermelha. (E, p. 13)

.....
 Alguém puxa a barra da minha saia. Viro-me, mas não é um menininho de seis anos. É o Anão, erguendo a cara interrogativa e maliciosa; parece estar sempre rindo de mim. Anda com esse chapeuzinho preto, um chapéu-coco que não combina com este lugar, este clima, esta época. Este mundo. (E, p. 20)

Outro personagem que faz parte de seu “velho mundo” é seu irmão Gabriel, que reside há muito tempo na pensão. Ficou cada vez mais agressivo após o suicídio da mãe. Doutora acredita que isso ocorreu devido a ele haver mamado no seio do cadáver da mãe. Após a morte do pai, estando o dinheiro cada vez mais escasso para mantê-lo em uma clínica, Gabriel ficou sob os cuidados de um enfermeiro na Casa Vermelha “por uma quantia maior do que normalmente um pensionista pagaria, mas menor do que a exigida por qualquer instituição razoável” (E, p. 29). Em alguns momentos revoltado, ele espalha excrementos pelas paredes.

Ele fica sempre recluso no quarto. Suas refeições são trazidas pelo Enfermeiro. O quarto é todo cercado por grades para evitar alguma loucura ou até mesmo suicídio assim como a mãe. Aparentemente alheio aos fatos do dia-a-dia, Gabriel pinta quadros que remontam aos dramas de Doutora. O tema preferido de suas pinturas são palhaços com expressões de solidão e tristeza. Esse personagem tido como louco, na verdade, está muito mais consciente de tais dramas do que Doutora. Um desses dramas é o questionamento sobre ter tornado Lucas tão órfão o quanto ela mesma foi quando criança.

- Seu querido irmão lhe mandou isto - ele diz. Salta da cama, quase se esborracha no assoalho; senta-se nas tábuas, fica me olhando, cabeça torta. Nunca pensei que o Anão visitasse Gabriel. [...] Pego o papel, pouco maior que uma folha de ofício; no traço forte de meu irmão, em tinta preta, um palhacinho sem chapéu; nariz de tomate, cabelo de espantalho, boca desmesurada num sorriso falso. Duas lágrimas correm do mesmo lado da cara. Olhos desiludidos. Por baixo dos disfarces, é, claramente, o rostinho de meu filho; a quem Gabriel nunca viu. (E, p. 25)

Gabriel é descrito com características andróginas. Igualmente ao anjo que leva no nome, Gabriel parece ser assexuado, um ser que vive entre o céu e a terra.

Todo o seu corpo é liso, muito branco, pernas e braços quase sem pêlos. O peito, alvo e acetinado. Imagino se terá pêlos no sexo, mas afasto a idéia. Gabriel tem mais de trinta anos; contudo, sua barba é rala, penugem adolescente; o cabelo castanho, comprido como o meu. [...] Então, começa a falar; o que é inusitado, porque em geral fica nesse mutismo; levo um sobressalto sempre que o escuto, pois sua voz é de menina. (E, p. 57-58)

A orfandade, a tristeza e a solidão de Doutora fazem com que diversos personagens encarnem projeções e funcionem como sucedâneos de mães, papel veementemente assumido por Irmã Cândida.

Aquela mulher, tão alta e quase tão pálida quanto fora minha mãe, porém com uns olhos escuros e alertas, fora um dia a pessoa mais importante de minha vida. No internato, onde chegou pouco depois de mim, foi a mãe que me faltara tanto. Muitas vezes, em fins de semana, dedicava horas a me aconselhar, escutar, orientar. Dirigiu meu coração para problemas que eu achava remotos, e que em minha casa não se abordavam. (Grifo nosso, E, p. 31)

Após a morte da mãe e o sumiço do Anão, estando Doutora cada vez mais isolada, seu pai a convence a ir estudar em um internato. Neste espaço, ela encontra “a mãe que tanto faltara”. Apesar de não poder estabelecer uma relação mais íntima com as alunas, Irmã Cândida rompe as imposições de seu hábito e se configura como um porto seguro para as inquietações de Doutora, trazendo esperanças para aquela menina órfã, afastando para longe o espectro da mãe alcoólatra. As normas do internato proibiam qualquer contato mais próximo entre alunas e professoras. Não deveria haver predileções, mesmo assim, essa freira coloca em perigo sua credibilidade e quebra essa proibição para tornar-se mãe para aquela órfã.

Mas aquela freira compreendia, como ninguém mais, minha orfandade, minhas ansiedades e dúvidas. No seu regaço, em lugar dos perfumes da rainha perdida, havia odor de armários fechados. (E, p. 32)

.....
 Algumas vezes, inclinava-se sobre mim, falando ou escutando, e seu véu escuro formava uma espécie de tenda, onde nossas respirações se fundiam. Havia ali algo de secreto que eu não compreendia bem, uma maternidade estranha e consoladora. (E, p. 32)

O Anão, Gabriel e Irmã Cândida estão intimamente ligados à infância e à adolescência de Doutora, não seria coincidência o reencontro com eles nesta fase adulta, já que ela atravessa um momento tenso e novamente vive as angústias de sua infância. Além deles, outros personagens surgem nesse “novelo de confusão” em que Doutora está envolvida. Todos eles apenas “adjetivados” ligados ao “ser mãe” e o “ser mulher” da narradora-protagonista: Morena, Loura, Velha, Mulher Manchada, Menina Gorda

Em **Exílio** conhecemos o “melancólico amor” das Moças Morena e Loura. A Moça Loura sofre de uma doença incurável e decide não fazer tratamento para “morrer inteira”. Essa morte iminente abre espaços para outras interpretações desse casal para além da relação

homafetiva. Uma relação de cuidados na qual a mais forte, a Moça Morena, vela os últimos dias de sua companheira.

A Moça Morena é tão vigorosa quanto sua companheira Loura é apagada. São professoras do interior, estão de licença. Não vejo graça em passar férias neste local isolado e feio. Se ao menos se hospedassem perto do mar. (E, p. 14)

.....
Transferências conseguidas, apartamento alugado, passagens compradas, a Moça Loura passara mal. Antigos problemas revelaram-se caso grave. O diagnóstico era fatal: câncer inoperável. Paliativo: quimioterapia.

Ela, a Morena, quis assumir a tarefa de informar sua amiga.

- A coisa mais triste que já fiz na vida - ela disse, meneando a cabeça, cansada. Compreendi melhor do que ela imaginava. Mas a Loura, surpreendentemente forte, recusara o tratamento, embora a Morena lhe tivesse dito que isso a podia salvar.

- Às vezes a gente tem de mentir - repetiu ela, e concordei. Precisa.

A Moça Loura foi irreduzível:

- Quero morrer inteira, com meus cabelos, e junto de você.

Depois de muita discussão, a outra cedeu. Tiraram uma licença, vieram para a Casa Vermelha, a fim de viverem imperturbado o seu amor até o último dia. (E, p. 109-110)

Essa relação homoafetiva não produz preconceito em Doutora. Ela chega a ser confidente das Moças e a sentir conforto em ajudá-las. Essas personagens simbolizam o cuidado, o carinho e a atenção.

Mas as Moças eram singulares: alguma coisa nelas me intrigava e comovia. Além do mais, estava tão ansiosa com o futuro e ferida pelo passado que um pouco de calor humano me fazia bem: conversávamos de uma mesa a outra. Na verdade, das duas quase só a Morena falava; a Loura parecia mal conseguir manter-se ereta na cadeira. Cor terrosa, narinas afiladas, corpo mirrado; sem querer, acabei fazendo meu secreto diagnóstico. (E, p. 15)

.....
As duas eram velhas amigas; colegas; ambas solitárias, sentindo-se deslocadas na família, decidiram morar juntas. Alugaram um apartamento, e descobriram-se apaixonadas uma pela outra. Primeiro, terror mortal: e se os outros descobrissem? E os alunos, os colegas? A cidadezinha do interior, falatórios seriam uma ameaça constante. (E, p. 109)

Além do estranho amor das Moças, identificamos três personagens femininas que se ligam à personagem central: A Menina Gorda, a Mulher Manchada e a Velha. Essas personagens, cada uma a seu modo, são reflexos da mulher “desinteressada e desinteressante” que Doutora tornou-se ao longo de sua vida.

Em **Exílio**, a palavra orfandade permeia, insistentemente, todo o texto e vai se imiscuindo em todos os relacionamentos, traduzida em Lucas, o filho, ou no relacionamento

com a Irmã Cândida, ou, ainda, fixando-se como índice, ao revelar a exata interpretação para o Anão, inserido no círculo materno: “Algumas vezes o Anão não aparece nas refeições; sem ele, sinto-me mais estrangeira e mais órfã na Casa Vermelha.” (E, p.87). A Menina Gorda reflete essa orfandade, ambas são órfãs de mãe e infelizes, aparadas apenas pela figura paterna. Lembrando que a ausência materna é exprimida por Doutora como uma ferida, uma grande mágoa.

Casal singular, esse pai e essa filha. Ela, uma Menina Gorda, talvez quinze anos. Saia e blusa de colegial antiga. Óculos de fundo de garrafa; cabelo comprido e liso, que não lava há muitos dias. (E, p. 97)

.....
 Tem um perfume enjoativo, e isso me comove. Mas o cheiro por baixo do perfume não é, como na Moça Loura, odor de morte: é cheiro de infelicidade. [...] Sinto pena da Menina Gorda, e uma simpatia por aquele seu brilho de crítica. (E, p.103)

Enquanto que a Menina Gorda reflete a infelicidade da infância de Doutora, a Mulher Manchada reflete a mulher sem identidade e desfigurada em que ela se tornou. A Mulher Manchada tenta ocultar as suas manchas, com mangas compridas e decote alto. Essa feminilidade aleijada não é compreendida aqui pelo papel preconceituoso de “dona do lar” atribuído às mulheres ao longo dos tempos, mas pela falta de assistência, atenção e cuidados na relação mãe e filho. Isto se explica pelo fato de percebermos que

devido a essa negligência, à rejeição e supressão dos valores femininos, as mulheres foram incapazes de dar aos filhos o amor incondicional e a aceitação que resulta em seres humanos íntegros, saudáveis, seguros, estáveis e maduros. Em épocas recentes, tem havido um retorno à deusa, refletido na maior aceitação cultural dos métodos de saúde holísticos, na alimentação natural, na proteção ao meio ambiente, na experiência mística e espiritual e nos modos de pensamento e expressão não-lineares e cíclicos. Tem havido uma revalorização do feminino e já iniciamos um processo de aceitação que vem do Self feminino. Já começamos a conhecer uma espécie de irmandade que cura e alimenta, abraça e aceita. (KOLTUV, 1992, p. 54)

A Mulher Manchada, a mulher com vitiligo, aparece como reflexo da mulher transgressora carregando suas manchas morais, sem poder libertar-se delas. A mancha é o símbolo de uma degradação ou de uma anomalia, ou ainda de uma desordem (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 584). No início, a Mulher Manchada sempre fingia ler uma revista para não estabelecer contato com pessoa alguma. Em seu silêncio denunciava seu exílio. Duas posturas são reveladas ao leitor quanto à vestimenta: de início aparece “vestida com decote alto e mangas longas apesar do calor. Sentada à sombra de sua folhagem imaginária, fingia não ver nada” (E, p. 41). No entanto, sem motivo aparente, “deu um

estranho espetáculo: apareceu num vestido branco, bem decotado, braços nus, revelando sua pele rendilhada até onde era possível. Agora não finge ler, mas “nota-se que ostenta sua doença como um ornamento” (E, p. 183).

A mudança de comportamento significa assumir os próprios erros, a sua condição de transgressora. Apesar de não serem evidentes quais segredos configuram a reclusão dela, sabemos quais são os da personagem central, que também busca esconder-se, não se comunicar com ninguém, visto que não quer ser reconhecida naquele mundo. O anonimato lhe traz proteção, como um segredo que não pode ser revelado, uma identidade secreta da mulher infeliz.

Alegra-me que aqui ninguém saiba de minha profissão. Exceto o Gnomo, mas este não conta. Eu detestaria ser questionada, consultada, convocada. O anonimato me protege: fico sozinha. Mas há momentos em que ser tão desconhecida num lugar me dá medo: andar pela cidade e nem um rosto familiar, alguém amigo batendo à porta; Lucas não subir na minha cama pedindo para dormir comigo "só um pouquinho". (E, p. 47)

Enquanto uma traz uma ramagem de seus erros em sua pele, a outra traz na alma. A última personagem dessa tríade é a Velha. Ao contrário do imaginário popular, esta Velha não é a representação da sábia, da conselheira. Ela mimetiza a mulher que tinha uma falsa solidez e rompeu com tudo para viver uma paixão arrebatadora de verão.

Teve uma vida boa; alegre; dois filhos, marido bondoso, cotidiano tranquilo, tudo sólido. Cada ano, passavam dois meses de verão numa casa de praia. Num dos verões, o marido, ocupado demais na cidade, ia só em fins de semana, às vezes saltando um. No começo sentiu falta dele; embora o casamento estivesse amodorrado, ela às vezes indagando do fundo do seu coração inquieto: é só isso, a vida? [...] Aparentemente, aguardava a maturidade com a calma das mulheres bem instaladas; mas a vida lhe preparava uma sinistra armadilha, porque aquela era uma mulher atormentada. (E, p. 73)

Doutora questiona seus fantasmas procurando razões por ter feito escolhas erradas, como essa Velha que presa ao passado, implora perdão por suas escolhas: “Minha Velha, cada dia absorvendo-se mais em sabe Deus que memórias ou esperas. Nessa idade, acho que a gente só tem memórias; agachada num presente adusto e calcinado, contempla o passado vivo” (E, p. 42).

Esta personagem era uma mulher aparentemente feliz com seu casamento. Apesar da ausência do marido, que trabalhava em outra cidade, ela permanecia fiel. Essa situação reflete um dos problemas de Doutora: pela ausência dela, Marcos procurou outras mulheres. Assim,

a Velha, cada vez mais distante do marido, se apaixona por outro homem, porém lutou contra esse desejo pela condição de mulher casada e feliz.

Sozinha, insatisfeita, acabou naquele verão apaixonada por outro homem. Tão inesperado e louco foi tudo aquilo que nem pôde se defender; nem se deu conta, a tempo, da paixão iniciante que logo lhe varara as entranhas. Fugiu como pôde, agarrou-se aos filhos, ao marido, aos preceitos, à virtude longa e facilmente exercida. (E, p. 74)

Envolvida cada vez mais com esse sentimento, não resistiu à tentação: “Acabou cedendo ao perseguidor: agora ela própria o perseguia (como quem, obcecado, persegue a morte). Abraços, beijos, palavras doidas, e combinaram um encontro longe, nas dunas desertas” (E, p. 73).

Entre suas dúvidas, ela tinha apenas uma certeza: “Eu tenho de viver isso; eu tenho” (E, p. 73). Porém, após uma tarde de amor com o “perseguidor”:

O filho pequeno saíra de casa depois dela; reconstituíram sua infeliz trajetória como podiam, com depoimentos de pessoas que o tinham visto. O menino teria acordado da sesta, com sede, procurando a mãe; não a encontrando, deixara a irmã adormecida e saíra de casa. Do avarandado passava-se diretamente para a praia, nas marés altas o mar quase lambia a cerca baixa. O menino se pusera a caminho. Alguém o vira, indagara da mãe, e ele apontara para a frente: lá... (E, p. 75)

O filho sumiu, caindo sobre ela a culpa de tê-lo deixado sozinho. Ela enlouquece e fica conhecida como a “doidinha da fazenda”. Posteriormente, recuperara a lucidez, restando apenas certa vaguidão (sonambulismo) com “ânsia deambulatória” (E, p. 76) de sair à procura do filho. Agora só não o fazia pois faltavam-lhe forças, restava-lhe a morte. Doutora e a Velha trazem um peso na alma, ambas tomadas de remorso por terem deixado os filhos. Elas têm esperança de que eles voltem. Doutora ainda luta para não sucumbir à loucura, para não entrar nesse estágio sonâmbulo de vida.

Tem certeza, mas só a mim confidenciou isso, de que seu filho ainda virá. Não o diz aos outros para que não a chamem de doida e a internem outra vez num lugar que ele acharia difícil de encontrar. Quando termina seu relato, é quase noite. Ficamos as duas caladas, olhando o mar nevoento, de onde, agora também tenho certeza, ele haverá de vir. (E, p. 77)

Além dessas personagens, uma outra que não habita a Casa Vermelha, mas que está presente ao longo da narrativa e se sobressai em importância no enredo sobre os outros é a Mãe da narradora, ou, como o Anão a chama: Rainha. A infância de Doutora torna-se um tema recorrente por uma estranha ligação entre ela e a mãe. Uma situação não resolvida. Entre

a esperança de uma nova vida e as dores de suas feridas, Doutora desenha quem foi sua mãe, expondo-lhe a condição de alcoólatra e os cuidados especiais que ela exigia. Essa condição infantil de sua mãe retira qualquer possibilidade de responsabilidade materna. Assim, Doutora cresceu com o desejo de ter uma mãe.

Tudo o que eu queria era ter minha mãe; uma dessas como as tinham outras meninas, alegre ou zangada, abrindo a porta do forno para espiar o bolo, ralhando porque eu não arrumava o armário, planejando férias e dizendo "este vestido está curto, você cresceu neste verão". Era isso que eu queria; não aquela mulher-criança, de quem se precisava cuidar. E que, além de tudo, era tão difícil amar. (E, p. 30-31)

Interessante perceber que apenas na cena da morte da mãe é que temos uma imagem de aconchego entre a Mãe e os filhos:

Junto de seu grande corpo abandonado numa posição estranha, de costas, mas torcido para o lado, Gabriel também dormia, parecendo um bebê que acabasse de mamar; ainda tinha entre os lábios o bico escuro do seio de nossa mãe [...] De repente tive sono; deitei-me do outro lado de minha mãe, só para descansar um pouquinho e saborear aquela tão inusitada intimidade. (E, p. 70)

Mesmo a mãe sendo tão distante e uma chaga aberta em sua vida, Doutora lhe venera e deseja a todo instante. A mãe gera sentimentos distintos, uma relação ambivalente que compõem uma imagem de admiração e ódio.

Porte de rainha - diziam as pessoas falando de minha mãe, e eu sentia tanto orgulho. Era branquíssima, nunca tomava sol, diziam que para manter-se alva. Pele acetinada, rosto de estátua. Não havia nele muita expressão, mas ausência [...] Fico fascinada quando ela se arruma assim. Ninguém tem uma mãe tão bonita e majestosa. E tão remota. (E, p. 16-17)

.....
O retrato dela aparecia nos jornais: nariz perfeito, boca perfeita, olhos perfeitos, toda perfeição. Eu guardava os recortes, lia e relia escondido. Quanto mais distante, mais amada. (E, p. 30)

A Rainha torna-se presente no romance não só através de recordações, mas como uma “alma penada” que aparece na Casa Vermelha.

Não preciso olhar: sinto que, no espelho da cômoda, a sonâmbula rainha começou a sua ronda. Tantos anos sem a ver, às vezes sem pensar nela, e agora volta. Sua ronda continua depois da morte, como acreditei em criança. Copo na mão, olhos ausentes, pálida como um cadáver. [...] Nestes dias, minha companhia mora naquele espelho sobre a cômoda. Não olho para lá a não ser raras vezes, e minha mãe passa ali no fundo, vagarosa; olhos de bruxa, e uma atração que me arrastaria a um abismo se me aproximasse dela. (E, p. 42-49)

Ainda que provenientes de uma mulher adulta, os problemas da personagem em seu presente, de diferentes origens, sempre reencontram as primitivas desconfigurações e medos primordiais de Doutora, que evidencia o trauma infantil do insuficiente amor de mãe. Não é à toa, portanto, que ela e os personagens femininos são figuras desequilibradas, alheias à vida e cujos destinos se caracterizam pela impotência de conduzirem para adiante esse elo materno interrompido. Podemos também observar que os personagens masculinos não têm uma condição efetiva na vida de Doutora. Mesmo seu pai sendo afetuoso, ela não consegue superar a insuficiência sentimental e tornar-se uma adulta equilibrada, o que evidencia, desse modo, a incomensurável importância que a figura da mãe assume no romance.

CAPÍTULO III

AS ETAPAS DO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO VIVIDO PELA NARRADORA

3.1 – O desvelar da Persona social de Doutora

O primeiro acesso ao inconsciente ocorre de forma drástica na personalidade do indivíduo, padrões antes tidos como verdadeiros dão espaço ao vazio e à incerteza, sendo este um choque necessário para o desenvolvimento de um caminho que antes era considerado inválido ou mesmo desnecessário. Assim sendo, tudo aquilo que guardamos dentro de nós: mágoas, culpas, desprezo, situações não resolvidas, projetos e desejos não realizados, se manifestam e da pior forma, às vezes, irremediavelmente. Isto é provocado, principalmente, pela falta de amor e compaixão por nós mesmos e pelos outros, pois, na maioria das vezes, além de nos culpamos por tudo o que não realizamos, alcançamos ou somos, também culpamos os outros, pai, mãe, marido/esposa, amigos, filhos, a sociedade, a família, a cultura. Culpamos todos por aquilo pelo que não nos responsabilizamos.

Uma lesão à personalidade ocorre quando descobrimos verdades que muitas vezes não aceitamos, encaramos como algo que não nos pertence, mas aos outros e o modo como nos relacionamos com o mundo é gravemente atingido. Nosso lugar seguro de relação e de conformação se torna mais tênue, flexível e desorientado. Ao perceber que nossa forma de comportamento e crença são seriamente abalados, o que causa enorme sofrimento, começamos a reformular os nossos condicionamentos, tendências e limitações.

Na narrativa, essa lesão à personalidade é simbolizada quando, na Casa Vermelha, Doutora consegue uma consciência maior dos aspectos destrutivos de sua personalidade e da sua existência pela metade, ou seja, o quanto ela não se colocou plenamente em sua vida e propósitos, relegando atitudes e pensamentos à escuridão da psique. Ao selecionar características, o Ego constrói dispositivos de defesa: falsos sentimentos, relações vazias para proteger a personalidade. Em termos do processo de individuação esboçado no capítulo I, as pessoas na meia-idade tendem a entrar em um marasmo psicológico de vida, devido aos reclames do Self que busca integração, trazendo à luz da consciência as características excluídas pelo Ego. O Self busca harmonizar cada um dos aspectos da nossa personalidade

com todos os outros. A consciência apenas do lado bom da nossa personalidade produz um desenvolvimento unilateral desta. Como se vê pelas descobertas e problemas de Doutora: “Antes eu achava que meu casamento era sólido, minha vida resolvida; marido, filho, alegrias e sucesso me pertenciam depois da longa orfandade. Talvez Marcos tivesse razão em procurar outra mulher: se ele não era um canalha, eu devia ter minhas culpas” (E, p. 43)

Assim, a personagem central percebe que tudo o que viveu não era algo verdadeiro, toda solidez se desfez revelando o lado ruim de sua personalidade, pois “Ele passou a me acusar abertamente: eu era a médica eficiente, mas a mulher desinteressada e desinteressante; nem para o filho ligava” (E, p. 43).

Doutora percebe que apenas mascarou atributos negativos através da imagem de obstetra eficiente para corresponder às expectativas coletivas, um compromisso selado entre o que ela sabe que é e o que se espera dela como ser social. Isto em termos da psicologia profunda é o desvelar da persona, passo importante no processo de individuação. A persona de médica é a máscara e o escudo ou até mesmo uma grande arma. Doutora mimetiza a mulher que profissionalmente vem conquistando um espaço cada vez maior, porém este avanço apenas circunda a esfera coletiva e não se reflete na esfera pessoal. Sexualmente, a mulher ainda se apresenta aprisionada, insegura na sua intimidade e no seu próprio prazer. Estados e sintomas depressivos freqüentes na narrativa da protagonista em razão do sofrimento gerado por esse aprisionamento dão ênfase ao quanto ela tinha se identificado com sua persona, um erro que fecha possibilidades de uma vida guiada pelo Self e não apenas pelos interesses do Ego. Expectativas não atendidas ou distorcidas nas suas relações afetivas e sexuais alimentam um “sentimento de vazio”, produzindo insatisfação consigo própria e com a vida. Em **Exílio**, a lesão à personalidade e o desvelar da persona são metaforizados pelo “arrancar a pele”.

As lágrimas correm livres; estou sensível como alguém a quem tivessem arrancado a pele, tudo dói imensamente. Tenho pena de nós, de Gabriel, de mim, de meu, filho Lucas, que tem seis anos e não sabe por que sua mãe foi embora; alguns traços dele aparecem nos dois rostos daquele melancólico retrato.[...] pois é esta a cor desbotada de suas paredes, dentro e fora, lascas de tinta saindo por toda parte como pele velha revelando feridas mais velhas ainda, em tom alaranjado. (E, p. 27-28)

A Persona social de médica sobrepuja a imagem de “coitadinha, a filha da mãe suicida”. Doutora se identificou apenas com os desejos do Ego imbuídos nessa Persona Social, quando descobertos, levam Doutora à uma grande depressão. Ela se entregou

demasiadamente à sua profissão, como uma forma de mascarar o que ela realmente já era. A profissão é unicamente a forma na qual ela encontra espaço para camuflar a mulher despreparada para a maternidade e o matrimônio. De acordo com Ribeiro (2006, p. 90) tudo isso é motivado pelo ego em uma aventura que estremece sua relação conjugal

um quadro do conflito subjetivo que se processa entre a persona social e a sombra, o animus negativo e o logos, embora ela não tenha consciência disto. Mesmo vivendo a aparente felicidade dos primeiros anos de casada, a protagonista apenas recantou os fantasmas de seu cemitério particular.

A personagem central “construíra uma vida estável; mas, na verdade, era como numa das esferas de vidro de meu pai: uma sacudida forte desmancharia tudo em neve, redemoinhos, desilusão” (E, p. 29).

Ela se identifica apenas com o seu papel social; não consegue desenvolver valores próprios e passa a viver de estereotípias, sentindo-se desadaptada e insegura. Após tornar-se consciente de sua persona, Doutora começa a se entender, busca compreender o caos familiar e ao ver-se no espelho sem sua máscara, sem sua Persona, assume o quanto era ausente como mãe e esposa:

Comecei a achar que minha profissão me mantinha demais longe de casa; não era incomum levantar da cama e sair no meio da noite para atender a um parto; muitos dias chegava em casa exausta no fim da tarde, mal conseguia jantar; brincava um pouco com Lucas, distraída, e me arrastava para a cama; ou ficava acordada até tarde, estudando algum caso difícil. [...] Fui ficando amarga. Joguei-me no trabalho como nunca. Viagens, congressos, mais e mais crianças vindo ao mundo pelas minhas mãos, mas meu entusiasmo se fora: valeria a pena? (E, p. 43-44)

Através desse recortes de sua memória fica clara a relação entre sua profissão e o seus dramas internos, em uma escala diretamente proporcional em que a entrega ao trabalho se dava de acordo com a amargura. Ela traz à luz da consciência o seu descaso materno e, realmente, a vida, neste caso o ego, lhe “pregara uma peça macabra”.

Passei noites lembrando o quanto o deixara de lado correndo atrás de minha profissão, e quantas vezes o pai cuidava dele, levava a passeios, fazia dormir enquanto atendia partos. Era Marcos quem, com um trabalho menos absorvente do que o meu, lhe dava banho quando a babá não estava; era Marcos quem lhe contava histórias quando estava cansada demais. (E, p. 45)

Logo, a identificação com o papel social faz com que Doutora seja consumida pelos interesses do Ego. Uma forma de enganar-se, de esconder traços de sua personalidade em cantos remotos de sua psique. Sendo o processo de individuação o caminho que nega esses

interesses, Doutora dá-se conta do quanto foi injusta com Marcos, do espaço vazio que ela mesma construiu no casamento deles e de que tudo isso era culpa dela.

Nesse caminho, ela enxerga a orfandade de seu filho, o quanto ela deixou Lucas aos cuidados de outras pessoas. Sente que poderia ter sido mais “mãe” daquele infante, porém lhe faltou consciência de sua “rala maternidade”: “O menino ficava ansioso, eu penalizada de vê-lo com sua estranha orfandade que me lembrava a minha própria, tanto tempo atrás” (E, p. 46). Ela sente falta do filho, percebe o quanto ele era valioso para ela, vendo o que causou a si mesma e a ele: “Meu filho, que nem terminei de criar; não poderei mais curtir suas descobertas, abrandar seus problemas, observar seu crescimento. No último passeio, contou que tinha nadado tão bem; meu Deus, eu nem sabia que ele está na escolinha de natação” (E, p. 72)

No processo de individuação, o Self exerce efetivamente sua função superior na psique. Em **Exílio** isto fica evidente quando Doutora se encontra frente a frente com o resultado de tudo já vivido até este ponto, costurando os detalhes perdidos ou esquecidos pelo Ego ao longo do caminho. O Self surge metaforizado na imagem da árvore iluminada e cheia de vida da Floresta à frente da Casa Vermelha, que impulsiona a protagonista a vencer as forças conflituosas de sua psique, pois

como este crescimento psíquico não pode ser efetuado por esforço ou vontade conscientes, e sim por um fenômeno involuntário e natural, ele é freqüentemente simbolizado nos sonhos por uma árvore, cujo desenvolvimento lento, pujante e involuntário cumpre um esquema bem definido.(von FRANZ, 2005,p. 161)

A imagem da árvore simboliza o próprio arquétipo da individuação (cf. Von Franz, 2005) que povoa os sonhos de Doutora. Essa floresta sempre é citada no romance por adjetivos que permeiam o campo semântico da admiração: “Do outro lado do beco, a floresta sobe o morro: sedutora, inatingível. Apenas uma das árvores, mais clara que as outras, tocada por um sopro de vento. O resto, uma paisagem de vidro dentro de um peso de papel” (E, p. 14). Essa Árvore seria a força vital daquela floresta, igualmente ao Self na floresta negra de sua psique. Doutora, igual à árvore, tem estações, momentos, estágios de amadurecimento. Ela vive o seu inverno, ou seja, seu inferno. O odor que cerca a narradora mostra a fase decadente em que vive psicologicamente: “Saio deixando a porta encostada. No andar térreo, o bafo de umidade, azeite rançoso, cozinha suja. Meu estômago me incomoda” (p. 21).

No entanto, à medida em que ela se encontra invadida pelas imagens arquetípicas da mãe na Casa Vermelha, a personalidade começa a diferenciar-se, começa a surgir uma identidade própria, acarretando uma maior autonomia feminina, o desatar do nó, através de questionamentos: “E eu, por que não tenho vida amorosa, por que fico me consumindo no trabalho e continuo com tão pouco tempo para meu filho?” (E, p. 44).

Jung identificou no complexo uma grande carga de energia que aflige os ideais conscientes. A personagem central, quando retira sua máscara torna conscientes: o casamento mal gerido, o fracasso como mãe e a entrega louca à profissão. Essas atitudes no enredo refletem a força arquetípica materna, dando as diretrizes da vida de Doutora. Ela não consegue fazer com que a energia flua em sua vida, ficando, ao invés disso, represada, gerando apatia e forte dependência infantil. Deve-se chamar a atenção para o fato de que essa dependência que domina a personagem principal segue pela vida afora atrás do espectro materno, carência que acentua cada vez mais as outras desilusões que a vida lhe dá. É sempre esse vácuo materno que se projeta por trás de cada novo infortúnio, como um ser abandonado que procura o refúgio primeiro de seus medos de criança, e não o encontra, que faz a protagonista se fixar na infância: “Estou infantilizada, dependente; não pareço a mulher segura, a profissional eficiente, que sempre fui” (E, p.94).

3.2 - A Rainha Exilada em busca da Sombra

Após reconhecer o quanto se protegeu atrás da profissão de médica, Doutora dá um passo significativo em busca da Sombra, aquilo que ela negou todo o tempo de sua vida. Ela descobre que existe outra mulher dentro dela, que necessita ser ouvida e atendida, senão sua vida continuaria “encalhada”.

Doutora entra em contato com a Sombra através do confronto de atitudes, ações e sentimentos, antes vistos apenas nos outros, nunca em si mesma, ao longo da vida. Os habitantes da Casa Vermelha são reflexos da Sombra, cada um com sua particularidade. Aos poucos, a narradora vai desvendando os aspectos importantes da Sombra, através do contato mais profundo com os outros exilados, como identificamos em um sonho que Doutora teve encontrando espectros da Sombra:

Estou de volta à casa de meu pai; tudo tão diferente, não tenho atais orientação; ando por corredores e salas, tudo decaído, velhíssimo. Um porão, espécie de adega ou subterrâneo, com teias de aranha; num canto, um grupo de Mulheres velhas, vestindo farrapos; cabelos desgrenhados e brancos como farrapos também.

Quero sair, fugir, mas não há escada. Uma das sinistras mulheres destaca-se do grupo: guarda traços de minha mãe, é ela, decrépita e desfigurada. Quero fugir, mas também quero tanto vê-la de novo. Chamo: Mãe, Mãe!

Minha voz abala o porão, a casa, os lêmures, que se atiram sobre mim, me cobrem e me sufocam. (E, p. 70-71)

Os verbos “cobrir” e “sufocar” nesse contexto indicam a constelação e a interferência negativa da Sombra na vida de Doutora. Ela tem consciência de que não foi uma boa mãe para Lucas quando teve que se ausentar, deixando-o aos cuidados de Marcos; de que tem sido irresponsável e ausente como mãe, porém, ainda projeta esse aspecto conturbado de sua feminilidade nos outros, fortalecendo a ânsia da Sombra de querer ser ouvida. Sabemos que dar ouvidos à Sombra não é uma experiência fácil, pois contrasta com a esfera mais conhecida da psique, a Persona, solicitando que sejam integrados à consciência e à auto-imagem aspectos ‘imperfeitos’ ou eventualmente desqualificados, exigindo uma revisão da auto-imagem cultivada. Esses aspectos imperfeitos explicitam as escolhas de Doutora em relação ao filho e ao casamento, relações fracassadas que são temas constantes em sua auto-análise. Quando toma ciência desse lado escuro de sua alma, entra em profunda depressão e procura conforto na idéia de reconstruir sua vida casando-se com Antonio, seu novo namorado. Aceitar que repete os mesmos passos da matriarca alcoólatra seria admitir o fracasso como mulher e mãe. Assim, ela prefere acreditar que todo o exílio apenas provinha da mulher desinteressante que se tornou ao longo dos anos, que mudaria e que Lucas iria ficar com ela, afinal ele era seu filho. Não poderia compartilhar do mesmo sentimento de Marcos, porque ele é fruto de suas dores.

Um lindo menino de seis anos, esperto e alegre, alguém já o teve e o deixou? Num momento de loucura, numa crise de perplexidade e raiva, num arroubo de insensatez, alguém já o teve, cheio de confiança e a destruiu? Pois se experimentou tudo isso, me entenderá. Antônio tem problemas com seu filho, mas vive com ele; não consegue me compreender plenamente. Talvez por ser homem: homens têm emoções diferentes? Marcos atendia mais ao nosso menino do que eu, mas não foi da sua espera, do seu medo e da sua glória, do seu sangue e dores que Lucas surgiu. (E, p. 90)

Quando presente este lado escuro de sua personalidade, a culpa que nunca quis admitir, Doutora fica envergonhada e decepcionada consigo mesma, porém rejeita qualquer hipótese que a afaste de sua cria. Ela não poderia ser aquela mãe má que ignora o filho. Já que havia sofrido tanto em sua infância, sua sina não poderia repetir-se em Lucas, se por suas

mãos e cuidados nasciam tantas crianças. A médica que traz ao mundo inúmeras crianças não poderia ser tão indiferente com sua a própria criança. Em sua concepção, uma mãe jamais poderia ficar longe do filho, ele havia saído de dentro dela. Até existiam leis que garantiam mãe e filho juntos:

Viver em casa com Marcos passou a não ter sentido, Lucas estava crescendo. Falei em separação, e Marcos não questionou. Apenas disse que ficaria com o menino. Achei tão esquisito que desatei a rir, acabamos brigando mais uma vez. Fingi deixar o assunto de lado, certa de que a leia me protegeria, filhos pequenos ficavam com a mãe. Era evidente que a criança ia querer morar comigo. Íamos nos mudar para a nova cidade, primeiro para o apartamento de uma amiga, depois para casa de Antônio. Tudo perfeito. (E, p. 44-45)

Porém o espaço materno no mundo interno de Lucas tinha sido aniquilado. Doutora não era mais o porto seguro de seu filho, não passava de uma figura desconexa na vida dele, toda a imensidão de significados e afetos entre mãe e filho se perderam entre os plantões, hospitais e fins de semana dormindo de tão cansada que estava por causa do trabalho. Ela não era uma mãe atenciosa, cuidadosa ou amável e tudo isso gerou grandes conflitos.

Sozinha na Casa Vermelha, começou a dar importância a esse fato que nunca tinha percebido. No entanto, seu Ego não aceita esses aspectos como verdadeiros e tenta manipular uma falsa esperança em Antônio: ela não seria uma mãe má, só estaria separada do filho por estar vivendo temporariamente na pensão decadente; inclusive logo seria mãe também do filho de Antonio.

- Vamos cuidar dele juntos - eu disse, encerrando-o assunto, o coração subitamente generoso e alargado; podia ser mãe de mais um filho, desde que estivesse numa vida feliz, segura, com Lucas junto de mim. (E, p.13)

.....
Amarei o filho de Antônio; o que é um menino com problemas quando se superou o que eu estou tentando superar? Serei generosa, serei eficiente, e boa. (E, p. 42)

Porém, Lucas era a única peça que trazia à tona as ações e influências da Sombra. Muitas vezes, Doutora fica a espera de Lucas assim como sua vizinha na eterna vigília, aguardando pelo filho perdido há anos. Entretanto, a personagem nuclear se dá conta aos poucos que Lucas não “seria uma criança mimada”, mas vítima da Sombra, a outra mulher que pede espaço em sua vida. Essa Sombra possui o legado da orfandade de Doutora, que, renegada pela mãe também massacra o filho, tirando-lhe o direito de ter uma mãe. Lucas seria mais um órfão de mãe nos dramas de Doutora.

Mas Lucas não era uma peça numa engrenagem lubrificada; e quando comecei a falar em morarmos em outro lugar, ele simplesmente não quis. Por mais que eu tentasse convencê-lo, lidava com uma lógica de ferro, a de sua cabecinha de menino feliz: queria o mundo sólido, pai e mãe unidos, a casa intacta. Tudo o que ameaçasse essa ordem era o recusado, por fim o menino começava a chorar mal eu tocava no assunto. Fui perdendo terreno, e me desesperei. (E, p. 45)

Igualmente ocorreu com ela em sua infância pela falta da figura materna, o pai também assume as responsabilidades e o espaço afetivo da criança. Marcos participava ativamente da vida de Lucas. Não era um pai cruel nem muito menos autoritário, ele trazia sentimentos fraternos e de forma compensatória preenchia a vida de Lucas com cores que sua mãe nunca pode oferecer.

Von Franz (2005, p. 169) nos fala que “a sombra aparece como uma pessoa do mesmo sexo”, geralmente nos sonhos. Em **Exílio**, a imagem fantasmagórica da mãe de Doutora, no espelho de sua cômoda na Casa Vermelha, é sua Sombra. A Rainha Exilada surge nesse contexto trazendo os atributos negativos da protagonista através de sua presença na imagem do espelho. Doutora não quer se aproximar dela. Neste caso, o verbo “aproximar-se” corresponde ao verbo “assemelhar-se”, Doutora foge das maldições dessa “bruxa”, que teima em persegui-la: “O perfume dela parece deslocado nessa pensão onde encalhei...” (E, p. 18).

Neste contexto encontramos uma analogia com o conto “Branca de Neve”, em que a bruxa persegue sua enteada pela floresta negra. A Rainha Exilada não é a mãe boa, mas assume todas as características da madrasta, que maltrata e tenta aniquilar Branca de Neve. Vale destacar também que o Anão, como no conto, funciona como um conselheiro. Na história dos irmãos Grimm, são os anões que aconselham Branca de Neve a não abrir a porta para estranhos e a não aceitar nada de ninguém. Em **Exílio**, o Anão alerta Doutora sobre os perigos da Sombra. Em muitas passagens do enredo, ele compara Doutora com a Rainha Exilada, fazendo comentários sarcásticos porém valiosos para que Doutora saia do marasmo que vive:

- VOCÊ ESTÁ CADA VEZ MAIS PARECIDA com a Rainha Exilada - grasnou o Anão, sarcástico, empoleirado no meu criado-mudo. O abajur escorregara perigosamente para a beira. Viro-me para escorraçá-lo do quarto; finjo coçar o rosto, enxugo a lágrima. Quem sabe ele tem razão? Não herdei a beleza dela, mas é possível que ande com aquele seu ar sonâmbulo. Ela parecia isolada de tudo, como os secretos mundos dentro daqueles pesos de papel, cápsulas de vidro, que meu pai colecionava. Precariamente ligada ao cotidiano. Na realidade, não estava conosco: vagava num outro reino, andando a esmo pela casa, copo na mão. - Não chateia - digo, exasperada com minha própria fraqueza. (E, p. 13)

Para compreender melhor a Sombra de Doutora, a Rainha Exilada, é interessante nos reportarmos ao seu significado no contexto psicológico. Sally Nichols, baseada em teóricos junguianos, nos expõe que a “rainha” traz todos os atributos positivos da feminilidade. Ela seria a imagem da Grande Mãe, tão bem caracterizada por Erich Neumann, pois preside “os quatro mistérios femininos: formação, preservação, nutrição e transformação”. Porém, a rainha do romance está exilada, ou seja, possui esses mistérios aprisionados em sua feminilidade fracassada. Todavia, ela não traz nenhuma transformação; pelo contrário, destruiu o casamento de Doutora e devastou a relação dela com Lucas, além de trazer à luz muitos conflitos internos causados pela falta do amor materno.

Doutora se refere a outra figura materna, a Irmã Cândida, que seria uma possível substituta daquela mãe ausente: “Foi a mãe que me faltara tanto. [...] Dedicava horas a me escutar e orientar.[...]Uma maternidade estranha e consoladora”(E, p. 31-32). Apesar de tudo, em certo sentido, ela também era ausente, já que renegou a experiência da maternidade, o amor terreno: “Tão alta e quase tão pálida quanto fora minha mãe, porém com olhos escuros e alertas” (p. 31). A Irmã Cândida, porém, a mãe "branca", não passou pela experiência dolorosa, escura, terrena, da maternidade. Não usa as mãos. Podemos também ver o significado da palavra "cândido", imaculado, inocente, etc.. Uma pessoa adulta, de carne e osso, no inconsciente coletivo, não pode ser cândida, nem inocente, porque isto nos remete à inocência das crianças, não a uma característica adulta. Num lado da balança, temos, portanto, a mãe "branca" e, do outro lado, a mãe "negra", Irmã Cândida versus Rainha Exilada, mas nenhuma delas uma “mãe de verdade”. No entanto, Irmã Cândida “é o que me resta, essa sombra de mãe: velha, cansada, talvez doente” (E, p. 157).

De nossa mãe, lembro o abraço negado, o olhar fugidio, o sorriso ausente; lembro sua andança pelos corredores, copo na mão; lembro perfume, e gim; o passo nem sempre seguro; silêncios demorados, crises de riso. (E, p. 63)

Das lembranças de sua mãe escorrem o amargo sabor do abraço negado, o olhar fugido, o sorriso ausente. A imagem de Rainha Exilada andando pelos corredores com um copo na mão, deixando um rastro de perfume mesclado com gim ainda a perturba. A Rainha Exilada não era como as outras mães, ela não exercia tal papel, raramente se lembrava dos filhos e lembrá-los era pior do que quando os ignorava.

Exigia então minha presença, eu tinha de lhe prestar pequenos serviços: achar o livro, os óculos, um lenço. Era como se, lembrando-se de mim, resolvesse ao menos tirar algum proveito desse aborrecido fato: ter uma filha. (E, p.33)

Doutora está muito confusa e se depara com sentimentos ambíguos porque, ao mesmo tempo em que sente repulsa por seus espectros, tenta ajudá-los, protegê-los. Dia a dia naquela pensão corroída pelo tempo, ela começa a entender os dramas daqueles moradores, que, na verdade, seriam os seus próprios dramas. Não apenas ver o erro nos outros, mas nela mesma. Poderíamos dizer que ela, neste momento de sua vida, já tem um vago conhecimento de suas lesões psíquicas, mas ainda se sente impotente para poder resolvê-los. Aos poucos, ela vai compreendendo esses espectros e como em um rito de passagem, vai identificando a sua Sombra, tentando entendê-la, fortalecendo, assim, a sua psique. Os personagens são o próprio enigma da esfinge, se não forem decifrados a tempo, engolirão Doutora. Eles são reflexos de sua Sombra.

Quando Doutora se defronta com Antonio e seu filho doente, não tem como mais fingir que tudo ficaria melhor. Uma cena que provoca além do encontro com a sombra, os atributos renegados, abre espaço para uma compreensão maior do verdadeiro “eu” de Doutora. Atrelada ao Ego, acreditava que poderia ser mãe e mulher novamente ao casar-se com Antonio e sucumbe diante desse personagem chamado de “pater dolorosus”. A esperança de uma vida melhor se foi, a sua tábua de salvação se foi e ela precisa aceitar sua Sombra para atingir a integração com o Self:

Havia em toda a sua postura para com o Menino tamanha dedicação como nunca tive com Lucas, que era bonito e saudável; um tão terno amor que nele não caberia nada mais: nem eu. Senti, instintivamente: aqui não há lugar para mim; eu, tão precisada, tão carente. [...] Todo o meu desejo de ajudar, minha generosidade, tinham murchado. [...] Fui chegando perto, hipnotizada. Minha voz, remota, repetia baixinho, meu Deus, meu Deus. O Menino gemeu, sentindo a presença estranha; você se inclinou mais sobre ele; pegou uma fralda, limpou-lhe o queixo, falava-lhe brandamente. Ele tossiu, engasgado, e você se afligia. Esquecera-se de mim. [...] Tanto afeto nessas palavras, uma expressão tão patética. Nesse círculo eu não conseguiria entrar. (E, p. 129-130)

Através do amor e dedicação de Antônio ao filho, Doutora vê a sua negligência materna e o quanto não era generosa. Quando sente “instintivamente” que ficaria de fora da relação, ela começa a escutar a voz da Sombra, integrando a mulher negada. Neste momento, Doutora entende a ausência de sua mãe e o motivo dela beber. Sua mãe precisava viver em outro mundo, o do alcoolismo, para não enfrentar a realidade, ambas não nasceram para serem mães, não possuíam sentimentos de compaixão nem eram generosas com os outros ao seu redor:

Bebi o conhaque que você me trouxe, entendi minha mãe num relance: esquecer, meu Deus, esquecer [...] Meu coração trespassado, mas eu sabia: não vou agüentar, nunca; não vou conseguir. Nem sei se quero. Tive nojo do Menino, de mim, da vida.[...] Paciência: aquele Menino também seria órfão de mãe pelo resto da vida. (E, p. 131-133)

A generosidade que percorre toda a narrativa de Marcos custear as despesas de Gabriel à dedicação de Antônio ao filho, desemboca no amor ao próximo que Irmã Cândida tentou ensinar a Doutora. Talvez, a salvação esteja na entrega, no amor, na generosidade. Antônio, quando Doutora decide que não poderia viver com ele e o filho doente, blasfema contra Deus: “- Deus é um filho da puta!!!” (E, p. 174).

Esta blasfêmia decifra o enigma: na aceitação de um amor metafísico, de forças superiores às dos seres humanos, do mistério do mundo, estaria a salvação. A história da Irmã Cândida que abre mão de si mesma para se preocupar com o próximo; de Marcos, que se dedica ao filho e paga as despesas de Gabriel; da Moça Morena, que se entregou de corpo e alma para cuidar da Moça Loura; do Enfermeiro, que não tira folga, tempo integral para Gabriel; de Antônio, que ama seu filho, dedica-se a ele e abre mão de seus próprios projetos.

Doutora assume sua maternidade psiquicamente mutilada: não poderia cuidar daquela criança doente já que nem cuidou de seu próprio filho, que era saudável. Não poderia se dedicar a ninguém, não possuía amor ao próximo:

Eu ficaria de fora, como sempre. Não haveria energia nem amor que me ajudassem a partilhar com você essa sua cruz. Deixara meu próprio filho, que me dava tantas alegrias: não poderia dar nada àquela criatura. Não fui médica nem mãe naqueles momentos: era uma mulher a quem a vida pregara uma peça macabra. (p. 131)

Desta forma, ela integra seu egoísmo, raiva, incapacidade de amar, solidão. Ela assume que não foi uma mãe bondosa e nem uma companheira, pelo contrário, possui aspectos negativos que a afastariam para sempre de Lucas ou de qualquer outra relação que envolva casamento e filhos. O problema não estava nas traições de Marcos e nem na rejeição de Lucas, mas em quem ela realmente era. A imagem da Rainha Exilada some do espelho levando toda projeção, Doutora consegue enxergar-se como ela mesma é, não precisa mais se esconder-se atrás da imagem má de sua mãe. Ela é a própria Rainha Exilada:

Estou esmagada pela vida, pela morte, pelas perdas e fracassos. Meu rosto no espelho ficou severo, vincado, os cantos da boca virados para baixo. [...] Nem consegui reter meu filho comigo; nem fui generosa com meu novo amor. (E, p. 156)

Como todo arquétipo apresenta aspectos diversificados, a mãe não é só bondade; ela também pode mutilar e aprisionar. Assim, Doutora se transforma na Rainha Exilada, descuidando-se de sua feminilidade com um sentimento forte de ter sido sempre negligenciada pela mãe. Doutora não consegue encontrar em si o equilíbrio necessário para conduzir à frente seu próprio projeto materno. Assim, outras figuras femininas ligadas à sua feminilidade vão tomando outras conotações ou desaparecem da Casa Vermelha. Entre elas, nos deparamos com a Mulher Manchada, feminilidade mal resolvida. Ela é “a mulher retraída” que se oculta atrás de uma revista e usa vestido fechado para esconder suas manchas:

A Mulher Manchada estava como sempre com uma revista aberta junto do prato: fingia ler, ou realmente lia? Passava tanto tempo sem virar a página que, acredito que a revista era apenas um truque: assim, não precisava comunicar-se com ninguém. [...] Algumas vezes, notei, olhavam com disfarçada curiosidade para a mesa da Mulher Manchada, vestido coral decote alto e mangas longas, apesar do calor. Sentada à sombra de sua folhagem imaginária, fingia não ver nada (E, p. 34-35)

Esse espectro toma outra conotação após o confronto de Doutora com a Sombra na casa de Antonio. Antes inibida e reclusa na Casa Vermelha, essa personagem surge totalmente diferente. Ela aparece com um vestido branco e decotado, revelando uma grande parte de sua pele manchada. Aqui, o significado do branco é o do renascimento; é a cor privilegiada dos ritos de passagem, através dos quais se operam as mutações do ser. Ela, que vivia exilada em suas culpas (manchas), passa a aceitar-se e faz com que os outros também a aceitem como ela é, sem camuflagens. A Mulher Manchada renasce para a vida; daí a sua cor ser o branco.

Essa mudança está ligada à própria transformação psíquica de Doutora, que aceita sua “folhagem imaginária”. Doutora não tem mais vergonha das “manchas” causadas por sua Sombra; pelo contrário, ostenta sua “doença”.

A Mulher Manchada? hoje deu um estranho espetáculo: apareceu num vestido branco, bem decotado, braços nus, revelando sua pele rendilhada até onde era possível. Está sem a revista; ainda não olha para ninguém, mas nota-se que ostenta sua doença como um ornamento. Os estudantes assobiaram discretamente quando ela entrou, numa saia rodada. Usava grandes brincos. (E, p.159)

A Velha, por sua vez, também identifica a maternidade falida de Doutora, interrompida bruscamente, o aspecto materno terrível. Esse outro espectro some da Casa Vermelha, denotando que a Sombra já foi integrada. Doutora teria tido um sonho ou visão na qual a Velha estaria no telhado, próxima à sua janela:

Não há nuvens no céu, apenas ventania, rumorejar das copas altas, restos de uma lua escancarada ainda derramando suficiente claridade. [...] É a Velha que está ali. Concentro-me, luto contra a náusea, vejo-a nítida, recortada diante do céu. Tão espantoso que quase dou um grito, sai apenas um som roufenho da minha garganta. [...] Preciso chamar alguém, tirá-la dali antes que despenque. Chamar as Criadas, o Enfermeiro, esconjurar o maldito Anão, que sabe caminhos mágicos. Mas não é preciso: estico mais o pescoço, e ele aparece: anda devagar sobre as telhas, inclinado contra o vento; chega perto da Velha. (E, p. 156)

Como define Bachelard, o telhado representa “a cabeça do sonhador com as funções conscientes”. Exatamente no telhado ocorrem os episódios da velhinha solitária e das sonâmbulas, postadas naquele local, em plena madrugada de vento forte. O aproveitamento do espaço superior da casa, o que, colocando-o em uma posição sobre a cabeça da protagonista, traz para a malha narrativa desdobramentos simbólicos, vai além do sótão, da torre, do telhado. Presenças significativas em **Exílio**, que, “subindo” do inconsciente, forçam Doutora a viver situações perturbadoras e possibilitam reflexões conscientes, podem ser encontradas, então, nesse andar que está sempre acima.

Venezianas abertas sobre a madrugada quente. Sombras imóveis, vozes noturnas: pios, gritos, gemidos. Um súbito rumor, um pé-de-vento, depois tudo se acalma. Os gatos estiveram miando desesperadamente, agora estão quietos também. Tenho um vizinho de cima que caminha boa parte da noite em seu quarto, com certeza devorado de insônia. Ou também a ele esses ruídos na noite não deixam dormir? (E, p.55)

.....
Parece que meu estranho companheiro do quarto de cima também não vai comer: continua caminhando, arrasta móveis, hoje começou cedo a sua errância. Passos fortes como se calçasse botas; mas outro dia olhei: usa apenas sapatos gastos. (E, p.72)

Na Casa Vermelha, também conhecemos a Voz “sinistra e repulsiva” (E, p.107), “Voz de bêbada” (E, p.24), “Voz pastosa, voz de poço, de fosso” (E, p.123) , que entra em contato com Doutora por telefone que pode ser confrontada com efetivas descrições da mãe: “E nessas horas, quando se irritava, não tinha uma bela voz: era a única coisa nela que ficava feia” (E, p.39); “Sua voz, monótona mas bonita, ficava roufenha” (E, p.57). Quase no final, revela ao leitor, o que para si, supõe-se já estar suficientemente revelado: “Se for aquela Voz, me mato. Parece que me esqueceu: eu também a esqueci, na confusão desses dias. Suicidou-se, quem sabe?” (E, p.185).

No entanto, indícios da imaterialidade dessa voz ao telefone são dados por sua ligação com o Anão. E, adiante, a junção das duas figuras ajuda a descortinar a verdade de ambas, posto que faz uma revelação não só sobre a misteriosa voz, mas sobre a natureza do próprio

anão: “Alguma mulher desesperada me escolheu ao acaso, quem sabe, para se vingar do tempo e da vida? O Anão talvez saiba a resposta” (E, p.191).

Simbolicamente, essa voz vem do interior da protagonista, uma voz que “rasteja do fundo de algum charco de fel, cheia de ódio” (E, p.21), despejando nela toda a sua raiva e decepção do tempo e da vida. Mais um reflexo de sua Sombra como pode se concluir na referência à ação extrema de Gabriel ao escrever na parede, com fezes, a palavra “mãe”: “ANTES DE PEGAR NO SONO, LEMBRO-ME DA VOZ. Parece ter desistido realmente de mim: afogou-se na própria lama? Que palavra essa pessoa, mulher, homem ou anão, escreveria na parede?” (E, p.191).

A voz se afoga em sua própria lama quando Doutora toma coragem e a manda “à merda”, deixando-a em paz, refletindo que ela mesma não mais se recrimina por seus erros. Ela não precisa mais dessa voz de autodepreciação, entende seus dramas e principalmente aceita seu fracasso como mãe e esposa: “Olha, vá à merda! - digo num ímpeto ao fantasma do telefone, espantada com minha própria audácia. Saio para a rua, animada” (E, p. 107). Quando Doutora aceita a Sombra está aceitando a incerteza, aceitando que pode falhar, que muitas vezes não consegue, não se realiza, se frustra, que possui defeitos, não ajuda ou compreende ou outros, que pode ser má.

“Portanto, seja qual for a forma que tome, a função da sombra é representar o lado contrário do Ego e encarnar, precisamente, os traços de caráter que mais detestamos nos outros” (von FRANZ, 2005, p. 173). Por isso, ela pode conter forças vitais positivas que devemos elaborar e assimilar ao invés de reprimirmos. Assim, esses personagens femininos formam uma dimensão maior da sombra de Doutora: todas estão ligadas ao julgo da feminilidade/maternidade mal resolvida, infantil, que não as deixam amadurecer. Entendemos que a Sombra foi revelada à consciência da protagonista. Sua função, portanto, acabou, pois através dela, Doutora pôde observar aspectos valorizados negativamente, que muitas vezes a impediam de uma vida sem medos além de bloquearem seu caminho rumo à Individuação. Portanto, através da Sombra é iniciada a grande viagem ao mágico, aterrorizador e encantador mundo psicológico de Doutora. Assim ela acolhe amorosamente os aspectos sombrios da Rainha Exilada.

Às vezes, a concepção de Jung sobre a sombra é igualmente profunda. Outras vezes, ele escreve como se partisse da perspectiva do ego, e vê a sombra como uma figura negativa, como uma personificação apenas dos aspectos desvalorizados e negados da nossa história pessoal; aspectos esses

que precisaríamos reintegrar antes de estarmos prontos para o verdadeiro trabalho de individuação. que se faz através do embate com os arquétipos do sexo oposto. O último estágio da jornada em direção à totalidade psicológica, como Jung a descreve, mais uma vez envolve um arquétipo que aparece como uma figura do mesmo sexo, o Eu. (ZWEIG, C. & ABRAMS, J. 1991, p. 91)

3.3 - Os guias de Doutora

Apesar de acreditarmos que os todos os personagens de **Exílio** ajudam Doutora ao longo do enredo em seu processo de individuação, identificamos dois que merecem uma atenção especial, pois simbolicamente exercem função arquetípica de guia da personagem na superação dos problemas após sua separação e o exílio vivido na Casa Vermelha: o Anão e Gabriel. Na perspectiva junguiana, eles são guias, protetores ou auxiliares mágicos que ajudam a heroína ou o herói em sua jornada. Eles fornecem

sinais de orientadores das transformações e atua como elemento reintegrador das energias desordenadas do inconsciente na passagem pelos “limiões”. [...]ajudam nas provas da fantástica aventura. É ele quem põe o bálsamo curativo nas feridas que vão se abrindo durante o trajeto. (RIBEIRO, 2006, p. 47)

Pelas atitudes e função, o Anão, além de ser o “companheiro de infância”, é um dos guias de Doutora em sua trajetória de renascimento psicológico. Ele simboliza a realidade e a fantasia, o consciente e o inconsciente, o lúdico e o grotesco, o passado e o presente. Ele é, por excelência, um símbolo dicotômico.

O Anão aparece em dois momentos em que a narradora-protagonista necessita de ajuda: o primeiro encontra-se na infância, quando descobre que a mãe bebe: "O Anão apareceu em casa de meu pai no dia em que descobri que minha mãe bebia. Pelo menos, nesse dia se apresentou a mim" (E, p. 57). Ao longo da narrativa, Doutora declara várias vezes que se sente como se estivesse com as pernas amputadas, ou seja, imobilizada.

Acendo a luz embora esteja clareando no quarto. A Casa Vermelha imersa no amanhecer cinzento. Não estou mais no meu antigo mundo; cada dia, ao acordar, ainda preciso me certificar de todas as minhas perdas. Começo com essa sensação de ter as pernas amputadas, o coração um torrão grosso de sal numa ferida aberta. (E, p.71)

O segundo momento liga-se à separação do marido e a todas as conseqüências desse ato, o reencontrando na Casa Vermelha: “Ele também me inspira ternura; mas alguém familiar nesta casa estrangeira” (p. 20). É interessante notar que o Anão, além de funcionar como alter-ego da narradora, é onisciente quanto à vida dela. Ele se projeta como um *Outro* e é a voz de sua própria consciência, tentando mostrar-lhe o caminho a seguir nesse instante de incertezas. Sua voz, muitas vezes, funciona como um censor. Também conhece a alienação lúcida de Gabriel, que na sua loucura, recria artisticamente a realidade, “construindo na tela muda suas próprias histórias” (E, p. 67).

O Anão de *Exílio* é o mensageiro do Self. Ele revela a Sombra de Doutora, trazendo à luz da consciência a semelhança entre ela e sua mãe. Através de seus comentários, Doutora entra em contato com aspectos negados. O Anão também conhece os desejos de Doutora, entende porque ela quer ir à floresta.

- Vamos passear na floresta enquanto o seu Lobo não vem...

O Anão cantarola na sua voz metálica, trotando à minha frente.

[...] Vou me despedir do falso emprego, da falsa vida, vou tomar rumo. Que rumo? Não sei, deve haver rumo para mim. Talvez, o caminho da minha antiga casa: meu filho, meu filho. (E, p. 138)

.....
-Perdi tudo o que tinha - gaguejo. -- Viver sem meu filho é como me arrastar por aí com as duas pernas amputadas.

- Perdeu, não. Deixou! - diz ele [o Anão] cruelmente, e sua cara é velha e má. (E, p. 41) (Grifo da autora)

O segundo auxiliar de Doutora é Gabriel, o Louco. Ele está intimamente ligado à Doutora, que tenta ignorá-lo, apesar de terem saído do mesmo útero; para resolver o problema, juntos estão no mesmo útero, simbolizado na Casa Vermelha. Aparentemente ele age de forma inconsciente, mas chega a dizer e a desvendar grandes verdades. O personagem é descrito de uma maneira curiosa. Tem aspecto andrógino, parece que não sabe o que faz, mas sempre consegue tocar na chaga profunda da protagonista, fazendo emergir sua sombra.

Gabriel é mensageiro da Grande Mãe, personificada no romance como a Floresta. Ele, que faz desenhos de palhacinhos tristes com o rosto de Lucas, mostrando a orfandade de seu sobrinho, tenta alertar Doutora sobre a tristeza que cerca Lucas e que foi razão de tantas lágrimas na vida dele e de Doutora, pela ausência da Rainha Exilada.

Pego o papel, pouco maior que uma folha de ofício; no traço forte de meu irmão, em tinta preta, um palhacinho, sem chapéu; nariz de toma te, cabelo

de espantinho, boca desmesurada num sorriso falso. Duas lágrimas correm do mesmo lado da cara. Olhos de uma infinita melancolia. Por baixo dos disfarces, é, claramente, o rosto de meu filho Lucas; a quem Gabriel nunca viu. (E, p. 25)

Tanto Gabriel como o Anão elucidam questionamentos ou evidenciam a sombra da personagem central. Ambos tentam direta ou simbolicamente mostrar o quanto Doutora repete os mesmos passos da rainha Exilada na relação mãe e filho. O caminho da orfandade e suicídio.

3.4 - A Mutilação anímica: As formas de representação de Animus e Puer

Neste momento, é imprescindível compreender também a função do Animus no processo de individuação de Doutora. É inevitável o encontro com essa dimensão da psique humana. Segundo Jung, a psique possui tantos elementos ditos masculinos, quanto femininos, independente condição genital do indivíduo. Através da bissexualidade psíquica definimos as escolhas matrimoniais, a forma de relacionamento com o sexo oposto e as nossas próprias características. No caso de Doutora, essa dimensão se coloca fundamental em seu processo de individuação, já que vive as amarguras de um casamento fracassado e da indiferença do filho. Anima e Animus, primeiramente, assumem as imagens do pai. O menino tenderá a identificar-se, no nível do Ego, com o pai, e terá a mãe vinculada à figura interna da Anima. A personalidade da mãe real marcará as principais características de sua Anima, ou seja, de sua forma de lidar com as mulheres e com os sentimentos. No caso da mulher, o Animus atua de forma parecida. O pai representa a visão de mundo, as idéias, a ideologia que toda pessoa, consciente ou não, tem a respeito da vida. Logo, enlaçada pelo processo de individuação, Doutora reencontra a figura arquetípica dos seus pais na Casa Vermelha. Essas figuras povoam a psique dela, sendo projetadas nas relações animus e anima ao seu redor. Doutora não consegue se libertar da desarmonia anímica herdada pela relação de seu pai e a Rainha Exilada:

A Rainha. Tenho quatro, cinco anos. Meu irmão ainda é um bebê de colo, que a ama, parada junto da porta, sem cessar sacode nos braços, para que não incomode aquela que já foi anunciada. Minha mãe aparece no umbral, precedida de seu perfume e do farfalhar do vestido de seda clara com grandes orquídeas roxas e lilases. Cabelo preso na nuca; uma mulher grande, maior que meu pai, que vem logo atrás; lembro dele sempre assim, ao seu encalço, preocupado e atento... (E, p. 16)

Desta forma, os personagens masculinos em **Exílio** refletem o padrão constelado na relação de seu pai e a Rainha Exilada: a imagem de um homem ligado a outra infantil que seria em termos arquetípicos: Animus e Puer. Quando nos referimos ao termo *puer*, não fazemos alusão apenas à etimologia da palavra que significaria “criança”, mas a personalidade de caráter infantil, inferior. Essa relação nos leva ao Animus negativo e ambíguo de Doutora, pois ele não conseguiu se integrar ao Self de forma positiva. A negatividade e a ambiguidade são representados nas uniões: Marcos e Lucas; Antônio e seu filho doente; Pai cafona e Menina Gorda; Enfermeiro e Gabriel. Uniões que simbolizam a relação perturbadora na psique de Doutora. Quando criança, Doutora deveria ter constelado essa imagem anímica positivamente, no entanto, o que ficou foi essa imagem disforme em suas relações com o mundo, pois, Anima e Animus pertencem à esfera arquetípica, são inerentes a nossa estrutura psíquica e, conforme a oportunidade, podem aparecer sob as mais variadas constelações simbólicas. De acordo com Pratt (In DOWNING, 1991, p. 194)

esse é o momento de completar a diferenciação psicológica, alcançada no plano físico pelo distanciamento dos mesmos numa etapa anterior da sua vida. Somente na meia-idade, ou ainda depois, é que a heroína chega a um acordo bem-sucedido com o pai e a mãe, como figuras da sua memória pessoal. Assim que os elementos positivos e negativos do pai e mãe biográficos forem absorvidos e transcendidos, e superado qualquer exagero de identificação ou fusão antagônica com os pais vivos reais, pode acontecer o encontro com o arquétipo materno numa dimensão mais profunda.

Assim, a jornada de renascimento de Doutora é simbolizada também pelo confronto com as figuras parentais através de sua memória e nas uniões citadas no parágrafo anterior. Em **Exílio**, devemos esclarecer ainda que tanto a Anima quanto o Animus, e a Sombra são projeções inconscientes da psique de narradora-protagonista, que formam os seus complexos. Eles são nada mais do que fontes de energia e, se negativamente direcionados, devem ser recanalizados para fluírem positivamente. Logo, Doutora, através do processo de individuação atingir a integração com o Self; canalizar e direcionar positivamente a figuras parentais, fechando as lacunas de sua psique.

Quanto ao pai da narradora, este aparece aqui e ali, ora no “encalço” (E, p. 18) da mãe, ora dissimulando a verdade sobre ela, que oculta dos filhos (E,p. 60). Mesmo depois da morte da Mãe, tudo o que a narradora conseguia dele, quando tentava reconstruir sua história era “alguma revelação involuntária” (E, p. 14). Temos então a figura patriarcal tentando salvar as aparências, tentando fazer sobreviver a instituição familiar falida, o seu lugar e prestígio. Ele é

o servo da Rainha Exilada, não é o rei dessa rainha, mas apenas escravo de suas vontades e necessidades:

Sem mais olhar para mim ou para o bebê, sai como entrou, irritada e solene. O passo talvez um pouco inseguro. Meu pai me abraça rápido, faz uma brincadeira qualquer, beija a cabecinha de meu irmão e vai apressado atrás dela. (E, p. 17)

.....
Ela fizera uma cena à mesa, não sei mais por que razão, ela não precisava de razões. Ficara agitada; meu pai se erguera para, docemente como sempre, levá-la dali. [...] Provavelmente naquele tempo meu pai já não dividia o quarto com ela; não havia sinal de sua presença. (E, p. 50-51)

Doutora não lhe chama pelo nome, apenas o denomina de pai. Ele também assume a função materna na vida dela e de Gabriel. O único que tinha tempo para lhes dar amor e atenção:

quando meu pai me levava até algum lugar afastado, parava o carro e andava comigo, de mãos dadas, ensinando-me nomes de bichos, plantas. (E, p. 18)

.....
meu pai lhe deu afeto enquanto pôde, mas depois Gabriel se distanciou demais, nada o atingia. (E, p. 59)

Ele é um Animus dominado por uma figura feminina autodestrutiva, dessa forma configurando uma figura masculina frágil, dependente e hipersensível:

Meu pai, afetuoso, [...] era um homem melancólico, [...] testa franzida, ombros curvados como quem carrega grandes pesos. [...] [Ele] devia tê-la amado muito; nunca o vi perder a paciência com ela. Teve fama de marido apaixonado pela bela alcoólatra. (E, p. 62-63)

A figura feminina autodestrutiva é a própria Rainha suicida, configurada na psique de Doutora como uma figura *puer*:

Em geral alheada, ela podia explodir em raivas injustas, especialmente contra mim. Meu pai tentava acalmá-la; e quando eu algumas vezes o procurava, indignada ou ferida, para que me ajudasse, ele dizia:
- Sua mãe é uma pessoa especial: todos devemos ter muita paciência com ela, muito carinho. (E, p. 30)

Diante dessa relação, entendemos como elemento simbólico, relevante à nossa análise do romance, a relação da figura masculina (Animus) ligada a um personagem que constela o arquétipo *puer* ou ligado a uma criança. Essa relação ocorre na ligação entre Marcos e Lucas, mostrando um homem dedicado a seu filho. A orfandade materna de Doutora agora pertencia a Lucas. Ele tem uma mãe ausente, tendo que ser acolhido unicamente pelo pai. Marcos

“atendia mais ao nosso menino do que eu, sempre ocupada com minhas parturientes e seus bebês, com pouco tempo para o meu” (E, p. 94).

Assim como o pai de Doutora, Marcos também assume as funções maternas:

Marcos poderá ser pai e mãe de Lucas. Meu pai tinha quase todo o espaço ocupado. Um dia, cheguei em seu escritório: minha mãe estava sentada no chão, cabeça no colo dele; os dois imóveis nem notaram minha presença. Fechei de novo a porta silenciosa como tinha chegado. Deixei-os com seu estranho amor. (E, p.160)

Já na Casa Vermelha, o mesmo tipo de união ocorre entre o Enfermeiro e seu irmão Gabriel. O Enfermeiro inquieta Doutora, “um sujeito desagradável, ar de coveiro” (E, p.29), com sua “voz de treva e sangue” (E, p.57). Ele, certamente doentio, cuida fielmente de Gabriel, o Louco, encontrando certo prazer nessa tarefa.

Esse homem me inquieta. Há nele um segredo: como pode ficar com meu irmão tantos anos, dias inteiros? Preciso tratá-lo bem, o que seria se ele fosse embora? Eu não conseguiria cumprir suas funções nem por duas horas. (E, p.56)

Apesar do Enfermeiro ser “um mordomo servil” (p. 57) igualmente como foi o pai de Doutora com a Rainha Exilada, ele constela o Animus negativo. Ele raramente tira folga, se dedica exclusivamente a Gabriel, que por sua vez simboliza a própria Rainha Exilada, a figura *puer*, um adulto que não evolui e não cresce mentalmente, permanecendo em uma eterna dependência infantil: “Então, com esses olhos, e essa brancura, parece-se grotescamente com nossa mãe” (E, p. 58) corroborando a união homem e *puer*.

Outra ligação Animus e *puer* na Casa Vermelha é a relação entre o Pai Cafona e a Menina Gorda:

Casal singular, esse pai e essa filha. Ela, uma Menina Gorda, talvez quinze anos. Saia e blusa de colegial antiga. Óculos de fundo de garrafa; cabelo comprido e liso, que não lava há muitos dias. Tão retraída quanto a Mulher Manchada, engaiolada no universo das suas eternas revistas. O pai, num contraste grotesco, usa boné xadrez em tons amarelos, jaqueta com desenhos arroxeados. Os mesmos óculos da filha. Não é gordo; tem uma animação cansativa: fala sem parar, dirige-se aos vizinhos das outras mesas, de saída meteu-se na conversa dos estudantes, e dá grandes risadas. (E, p. 97)

Esta relação Pai Cafona e Menina Gorda, diferente das outras que estão relacionadas ao pai e a Rainha Exilada, simboliza a relação de Doutora com seu pai. Assim, essa relação é projeção dos sentimentos de orfandade materna da narradora-protagonista. Doutora se vê na imagem daquela criança grotesca: “Querida mais do que livros: queria um ombro amigo, um

regaço de mãe. Será que ela tem mãe?” (p. 103). O Pai Cafona é dedicado da mesma forma que o pai de Doutora: “Um pai tão dedicado. [...] Faz tudo pela filha” (p. 98). Entretanto, mesmo ele sendo tão dedicado, a Menina Gorda era como Doutora: infeliz.

Fora das paredes da Casa Vermelha, encontramos a relação Animus e *puer* mais ambígua: Antônio e o Filho Doente. Antônio, chamado de *pater dolorosus* por Doutora, cumpre

uma paternidade pouco conhecida: segurando nos braços seu filho adolescente pouco mais que um vegetal, alimentava-o pacientemente com uma colher, limpando-lhe do queixo o mingau que escorria, enquanto os pobres olhos desarticulados o contemplavam em muda - e terrível - devoção.”(LUFT, 2009, p.80)

Esta estranha paternidade quebra as idéias convencionais do patriarcado e testam a mulher e mãe que Doutora pensa ser. Este Animus, ao mesmo tempo em que é frágil pela irremediavelmente ligação ao puer monstruoso, incapaz de lutar, torna-se uma figura forte, “a tábua de salvação” (E, p. 19), o amante de Doutora:

Mais que apaixonado ele agora é bondoso comigo, e me agarro a essa bondade porque preciso dela para me salvar. (E, p. 33)

.....
No começo Antonio foi apenas uma relação casual: eu estava sozinha, o interesse dele me fazia bem, então eu não era tão desinteressante. (E, p. 44)

A relação amorosa com Antônio representa simbolicamente a vontade ou o medo do Ego de querer mudar, de não enfrentar a Sombra e o Animus destrutivo. Configurando um complexo do Ego que busca caminhos mais fáceis, ou seja, um lar seguro, uma vida sem muitas perturbações, ou seja, ela possa vir a assumir uma atitude rígida e extremada, abandonando como referencial o Self e ignorando a possibilidade de transformação pelo processo de individuação. Pelo ponto de vista psicológico, esta decisão cessaria o trabalho psíquico na busca de uma vida iluminada, na qual o trabalho árduo não seria necessário, perdendo o agir, ou seja, as rédeas da carruagem da vida, perdendo o domínio sobre a própria vida.

Cheguei balançando entre a esperança frenética e o medo sombrio. Uma grande tempestade; Antônio, a tábua de salvação. Encalhei aqui, o tempo passa, e às vezes parece muito conseguir sobreviver até o fim do dia. Digo a mim mesma o que disse tantas vezes às mulheres de grandes ventres distendidos a quem ajudava a parir: Agüente mais um pouco, um pouco só. (E, p.19)

.....

Antônio me abraça, me acarinha, o que me deixa animada. Mas nada parece suficiente para tapar esse vazio que me ameaça, algo de repente surgiu entre nós, uma sombra, não sei bem o quê. (p. 24)

.....
 Acho que nunca mais conseguirei trabalhar. Eu, que amava minha profissão; sentia estar também parindo aqueles bebês, vendo a vida brotar de sofrimento e sangue, esperança e medo; rodeada de futuras mães com seus ventres distendidos e doces olhos um pouco assustados, eu me sentia forte, e segura. [...] Nunca mais terei aquelas mãos firmes, aquele jeito autoritário e calmo. Ou, como diz Antônio, quem sabe tudo isso voltará quando eu estiver instalada com ele, aprendendo a fazer o balanço correto entre perdas e ganhos? (E, p. 41)

A ambiguidade deste Animus pressentido, mas não enfrentado, vem à tona na mesma cena em que foi revelada a Sombra. Antes este Animus significava segurança ou a esperança de ser cuidada, mas quando descobre a “estranha união” dele com o seu filho doente, ele configura-se psiquicamente negativo. Doutora volta mais uma vez às imagens de sua infância, a união de dependência entre seu Pai e a Rainha Exilada, mais uma vez ela ficaria de fora, não seria cuidada e nem protegida por Antônio, não caberia naquele terno amor. Neste momento extremamente trágico, que ameaça inclusive sua saúde mental, ela reconhece este lado monstruoso de Antônio, o que ele tentou esconder o tempo todo. Ela o rechaça brutalmente mesmo consciente de sua Sombra, não integra a relação Animus e *puer*, não aceita dividir o carinho e a atenção de Antônio com ninguém mais. A história de Antônio reforça a dissolução existencial daquela “raça de exilados”. Digno de nota é a alteração na diretriz da linguagem; Doutora, que até agora na história, se referira ao namorado em terceira pessoa, abre um capítulo especial dirigindo-se a Antônio, chamando-o de você:

Você, pater dolorosus, sentado na poltrona, mesinha ao lado. O rosto voltado para mim era o seu, mas tão grave, suplicante, e triste. No seu colo, atravessado como um grande bebê, um adolescente. Muito comprido, desengonçado, esquelético; um longo braço pendurado até o chão; pés magros e brancos; todo ele flácido, como se lhe faltassem músculos; a cabeça sustentada na curva do braço paterno oscilava nesse forte apoio. (E, p. 129)

Assim, Doutora descobre a sua dependência afetiva e o seu medo da solidão. Porém, para prosseguir em sua difícil tarefa de integração do Ego ao Self, ela precisa entender e compreender seu Animus, porque somente desta maneira o Ego entra em contato com as partes mais íntimas da psique. Dentre essas ligações Animus e *puer* surge uma relação diferente que a faz pensar de uma forma diferente, um caminho para o entendimento: a relação da Moça Morena e a Moça Loira. Elas são dois opostos femininos. A Moça Morena representaria a figura do Animus, pois é forte, sadia, cheia de vitalidade, enquanto a Moça

Loira personifica o *puer*, a criança fraca, doente e moribunda que necessita de cuidados. Doutora as compara com seu Pai e sua mãe, uma relação de preocupação e cuidado.

Minha mãe aparece no umbral, precedida de seu perfume e do farfalhar do vestido de seda clara com grandes orquídeas roxas lilases. Cabelo preso na nuca; uma mulher grande, maior que meu pai, que vem logo atrás; lembro dele sempre assim, ao seu encaço, preocupado e atento, como a Moça Morena hoje com sua companheira. (E, p. 16)

Doutora presidida pelas forças negativas arquetípicas, torna-se egoísta e não entende o quanto sua mãe precisava de cuidados, levando para a vida essa amargura, refletida no casamento com Marcos e no término do namoro com Antônio. Como visto anteriormente, quando diante de Antônio e de seu filho doente, Doutora assume o quanto ela não era nem mãe nem médica, que não caberia entre eles. Mais uma vez ela seria colocada em segundo plano. No entanto, através dos problemas enfrentados pelas Moças e por haver acompanhado o drama da Moça Loura, Doutora integra “os aspectos positivos e negativos do pai e da mãe biográficos”, como se pode entender por este sonho que ela teve:

Um céu azul claríssimo na janela; bolas translúcidas imensas, flutuam como bolhas de sabão; alvas, feitas de uma espécie de tule engomado. A visão me enche de doçura e paz.

Uma delas chega bem perto: inclino-me na janela para tocá-la. Dentro, como numa gaiola, duas mulheres abraçadas, também transparentes, feitas do mesmo material da bolha em que viajam. Não há pressa, nem ruído algum.

Tudo suspenso como se fosse eterno: as bolas vão, voltam, giram, lentamente.

Então como quem entende um fundo mistério, digo em voz alta:

- Isto é a Inocência. E a Morte. (E, p. 61)

Assim, esse sonho de paz e harmonia simboliza a energia positiva das imagens parentais que agora fluem na vida psíquica de Doutora, a preparando para as próximas etapas de sua jornada. Doutora agora está pronta para integração com o Self, está totalmente ciente do que deve fazer, de quem realmente é.

O espelho, recorrente na narrativa luftiana, surge como elemento simbólico em **Exílio**. Desde **As parceiras**, em que os passos de Anelise acabam refletindo os mesmos passos da matriarca enlouquecida Catarina, um reflexo da outra; em **Reunião de Família**, a metáfora do reflexo e distorção é a base do romance. Alice, a personagem central se assemelha com a Alice de Lewis Carrol, pois era uma mulher tranquila, pacata, acostumada ao cotidiano familiar, entretanto, ao sair de sua casa, defronta-se com outra Alice, mais selvagem, indomada:

Ela: o contrário de mim, meu reverso. Sempre à espera por baixo das superfícies. Livre para detestar tudo o que, aqui fora, eu era obrigada a aceitar. [...] Sou apenas uma dona-de-casa, vida exclusivamente doméstica, marido e dois filhos que já são quase homens e nunca me deram preocupação. Mas hoje, obrigada a sair dessa concha por um fim-de-semana, estarei na casa onde meu pai mora faz alguns anos com minha irmã, Evelyn, e seu marido. (RF, 2005, p.35)

Em **Exílio**, Lya Luft faz uso de metáforas bem mais elaboradas para “ocultar” o jogo de espelhos, as projeções da narradora. Ele se faz presente na relação Rainha Exilada x filha; na relação Doutora x Lucas; na relação Rainha Exilada x Madame, a dona da pensão; na relação Doutora x Velha, hóspede da pensão; e finalmente na relação Rainha Exilada x Irmã Cândida.

O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente o que quer que nele se olhe; ou seja, aquela face que nunca mostramos ao mundo, porque a encobrimos com a *persona*, a máscara do ator. Mas o espelho está por detrás da máscara e mostra a face verdadeira. Esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta para afugentar a maioria, pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo à nossa volta. Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema. Teríamos, pelo menos, trazido à tona o inconsciente pessoal. A sombra, porém, é uma parte viva de nossa personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. (JUNG, 2002b, p.30-31)

O jogo de reflexos entre a Rainha Exilada e Doutora é de cumplicidade e deformidade. Os passos da narradora, que a conduziram a esse exílio na Casa Vermelha, parecem pisar nas mesmas pegadas deixadas pela sua mãe, exilada pela bebida e distante do mundo, enquanto que Doutora é exilada pelo trabalho que lhe consome muitas horas. Personagens que refletem a cópia dela mesma, apontam-lhe, através de sua desagradável imagem, como alegoria, a inadequação de sua eterna acusação contra o desinteresse da mãe alcoólatra, não reconhecendo em si no abandono de seu próprio filho, apenas denunciado pela Sombra.

Eco (1989, p. 12-17), o espelho é um “fenômeno-limiar” que demarca as fronteiras entre o imaginário e o simbólico. A experiência especular surge do imaginário, o que faz com que o domínio do próprio corpo, permitido pela experiência do espelho, seja “prematureo em relação ao domínio do real”, uma vez que o “desenvolvimento só acontece à medida que o sujeito se integra ao sistema simbólico, ali se exercita, ali se afirma através de uma palavra verdadeira”.

o espelho não permite sequer o pequeno artifício de ajudar a percepção ou o juízo humano, pois ele não “traduz”. Ao contrário, o espelho “registra aquilo

que o atinge da forma como o atinge. Ele diz a verdade de modo desumano”, como se o cérebro interpretasse os dados fornecidos pela retina, mas o espelho não interpretasse os objetos.

Durand (2002, p. 100) vê o espelho não apenas como “processo de desdobramento das imagens do eu, e assim símbolo do duplicado tenebroso da consciência”, mas aponta que este se liga à coqueteria. Nessa perspectiva “a água constitui, parece, o espelho originário”. Durand salienta, ainda, que o reflexo da água também se associa ao complexo de Ofélia, uma vez que mirar-se é, de algum modo, “ofelizar-se” e participar da vida das sombras, neste campo de lágrimas que se assemelha ao rio da morte e do afogamento.

Ainda segundo o autor (2002, p. 101), o tema do espelho remete a dois mitos da antiguidade clássica, revelando a força das imagens míticas engendradas pela convergência dos esquemas e arquétipos. O primeiro desses mitos é o de Narciso, “o irmão das Náiades, perseguido por Eco, companheira de Diana, e a quem estas divindades femininas fazem sofrer a metamorfose mortal do espelho” O segundo é o do Acteão, em que se cristalizam todos os esquemas e símbolos dispersos da feminilidade noturna e terrível, pois, neste mito, a teriomorfia é apresentada em sua forma mais perversa e devorante - água profunda que flui e que, pela profundidade e negrume, nos escapa. Mas também, faz referência ao reflexo que duplica a imagem, tal como a sombra que faz redobrar o corpo.

Não preciso olhar: sinto que, no espelho da cômoda, a sonâmbula rainha começou a sua ronda. Tantos anos sem a ver, às vezes sem pensar nela, e agora volta. Sua ronda continua depois da morte, como acreditei em criança. Copo na mão, olhos ausentes, pálida como um cadáver (E, p.42).

No dizer do filósofo Gaston Bachelard (1998), o espelho aprisiona em si um segundo mundo que lhe escapa, no qual o homem se vê sem poder se tocar, encontrando-se separado dele por uma falsa distância, que pode diminuir mas não transpor, um falso limiar, que pode divisar, mas não cruzar. Esta ilusão proporcionada pelo espelho não acontece com a “fonte”, pois esta é para o homem um “caminho aberto”. O espelho de uma fonte é um motivo para a “imaginação aberta”: o “reflexo um tanto vago, um tanto pálido, sugere uma idealização.

“Diante da água que reflete a imagem, Narciso sente que sua beleza continua, que ela não está concluída, que é preciso concluí-la” (BACHELARD, 1998, p. 24). É, pois, diante da fonte especular que Narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade, fazendo das águas, este espelho aberto às profundidades do “eu”.

Na perspectiva de Chevalier & Gheerbrant, o espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. Na doutrina budista, o espelho é “símbolo da sabedoria e do conhecimento, sendo o espelho coberto de pó aquele do espírito obscurecido pela ignorância” (2009, p. 394. Grifos do autor). Neste sentido, o espelho reflete, mais que uma imagem, a inteligência criativa e o conteúdo anímico do poeta, pois ele tanto busca o reflexo das palavras quanto o meio através do qual elas podem refletir e expandir as vozes perdidas no sonho, focalizando e refratando a fugacidade do instante poético.

Todas essas definições se ligam e se projetam no jogo de espelhos de Doutora em **Exílio**. Eles servem como imagens que a fazem Doutora entrar em contato com aspectos desconhecidos de sua psique, sejam projeções da Sombra, do Animus, do *puer* ou do arquétipo materno. Entendemos como fim e resolução desse jogo, quando as projeções se desfazem, quando ela deixa de contemplar os espelhos, ou seja, assume aquelas projeções como suas, assume seus erros; reconhece seu lado esquecido e faz um balanço entre as forças anímicas.

3.5 - O legado da Rainha Exilada: a “mãe-má” e a órfã

Após desvelar sua Persona, enfrentar a Sombra e integrar o Animus positivamente, percebemos que forças conflituosas ainda agem em Doutora. Seguindo os passos e manifestações arquetípicas, ela está ligada a uma matriz negativa que a fez constelar negativamente a imagem materna que aglutinaria todas as situações de instabilidade emocional, motivadas pela frustração da possibilidade da realização perfeita da imagem idealizada, elemento esse que, sob uma figura mutante, lança mão dos mais variados recursos simbólicos para contatar a consciência.

Assim, Doutora precisa se libertar do jugo desse arquétipo. Mesmo sendo uma profissional de sucesso, interiormente continua uma criança em busca da mãe. Ela torna inversa a relação com Lucas, em que ela precisaria mais de atenção do que ele. O arquétipo materno, como qualquer outro, apresenta infinitos aspectos. Jung (2002b, p. 156-157) cita alguns como a própria mãe, a madrasta, a sogra, a bruxa, a fada-madrinha, a avó, a ama de leite, a deusa, a natureza, a lua, o mar, o subterrâneo, o útero, entre outros. Esses aspectos podem ser, do ponto de vista do desenvolvimento da psique, promotores ou inibidores:

“Todos esses símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. [...] Símbolos nefastos são a bruxa, dragão [...] o túmulo, o sarcófago, a profundidade da água, a morte, o pesadelo e o pavor infantil”.

De forma geral o arquétipo materno está relacionado à criatividade, ao acolher, fertilizar, sustentar, amar, e também ao secreto, obscuro, ao veneno e à morte. A influência dele se faz presente quando homens e mulheres vivenciam o fertilizar, o nutrir, o acolher, o devorar ou o aprisionar. Doutora não nutre, pelo contrário, ela é a “mãe sem mãe” que não é capaz de cuidar e orientar seu filho. Ela não possui o lado acolhedor e afetivo que fica evidente na figura de sua mãe, a Rainha Exilada. Assim, Doutora, por não dispor de uma figura materna que a acolhesse, constelou o seu próprio complexo. Poderíamos nos remeter ao complexo materno, no qual Jung faz algumas distinções que resumidamente seriam a aceitação ou a negação da mãe ou da imagem materna que desembocaria em um complexo regido pelo arquétipo materno mutilado. No entanto, Jung fala sobre a capacidade da psique de compensar a separação da mãe.

Se o inconsciente conseguir interpretar o arquétipo constelado de maneira apropriada, ocorre uma transformação compatível com a vida. Assim a forma de relacionamento mais importante da infância, isto é, a relação com a mãe, é compensada pelo arquétipo da mãe quando a separação da infância se impõe. (1989, p. 351)

Já no primeiro capítulo de **Exílio**, a voz que narra conta que desde seu nascimento Doutora fora rechaçada pela mãe, vivenciando uma separação traumática e prematura da mãe. Faltou-lhe, portanto, o colo materno e o seio para alimentá-la. Logo, Doutora não é a megera porque possui um complexo materno, mas porque é possuído pelo arquétipo do órfão, ela seria aquela que busca sempre a mãe. O Ego seria um eterno órfão triste e solitário querendo atenção e carinho. Isto fica evidente quando Doutora entra em depressão e recorre a um copo de leite que a conforta e traz energia para poder viver, na ação inconsciente de ratificar a eterna órfã, a necessidade de mãe, o abandono interminável que corrói a sua psique.

Em outros momentos, para aliviar sua carência ela recorre a longos banhos mornos na banheira, numa tentativa de reviver o conforto do útero, que a faz esquecer “o abraço negado, o olhar fugidio, o sorriso ausente” (E, p.63) de sua Mãe. Doutora, sempre que está perturbada não consegue se livrar das amarras do ego que chora pela mãe. Simbolicamente, os banhos na banheira a levariam de volta ao descanso uterino, porque naquele limbo de águas suportaria melhor a vida (E, p.53), ali ela se sente confortada e acolhida.

Na adolescência somente após o contato com uma figura materna, a Irmã Cândida, a personagem central consegue seguir em diante, fazer medicina e escolher ser obstetra. Porém, não consegue acalantar a menina sozinha que algumas vezes a faz chorar: “feito criança, rosto escondido” (E, p. 27).

Cheguei a ser uma mulher realizada: nos primeiros anos de meu casamento, e mesmo antes, durante a Faculdade, os velhos espectros se, retraíram para cantos afastados; raramente estendiam, aqui e ali, uma cauda sutil, uma patinha magra. Eu era quase feliz, embora sabendo que a vida não era só aquilo. (E, p. 30)

Entendendo que o Anão também assume a função de alter-ego de Doutora, o outro, ele simboliza a adulta grotesca e infantilizada em que ela se tornou. Em várias passagens no romance, ela questiona se ele seria “uma criança velha ou um homem pequeno” (p. 52), nos guiando para a mulher criança que irrompe muitas vezes: “Choro, repetindo feito criança no escuro: - Quero ir para casa, por favor, quero ir para casa - mas nem sei a quem me dirijo” (E, p. 49).

Doutora acreditava ter organizado a sua vida, assim como superado os seus traumas de infância, porém suas ligações, seus modelos e, sobretudo o seu *modus vivendi* seguem o modelo de sua infância, que poderia sugerir a *puella aeterna*. De acordo com RIBEIRO (2006. p. 141-142):

Expressão latina que significa ‘eterna criança’, que se refere a uma mulher na meia idade, cuja vida emocional permaneceu em um nível adolescente, com intensa dependência da mãe. [...] A própria vida é tida como prisão, da qual evade por meio de fantasias que a tornam atada aos laços da primeira infância.

Porém, a personagem central não apenas se fixa na primeira infância; seu complexo vai muito além do materno. Seu Ego continuou fixado às necessidades infantis de proteção e nutrição. Doutora, por ser abandonada e desamparada pela mãe, não consegue enxergar um futuro melhor, falta nela vontade de viver. Não consegue se doar a Lucas e nem consegue ficar com Antônio. Impossível repartir o que ela não tem aquilo de que não se sente possuidora.

A imagem distorcida ou negativa da mãe é uma paralisação. É um “não estar no mundo”, expresso num eterno “não sei”, numa falta de vontade, na preguiça que impede Doutora de se adaptar ao mundo de forma mais humana. Ela se vê como vítima. Gabriel através de suas pinturas retrata a própria amargura de ser órfão e a tristeza de Lucas. É através

da palavra MÃE desenhada por ele com seus excrementos, que Doutora encara a maior carência e problema.

De repente Gabriel soergue os joelhos, passa a mão no traseiro, depois vai desenhando alguma coisa com fezes na parede; ele parece uma fonte inesgotável de imundície quando está nesse estado. Vou até a janela: se pudesse, vomitaria a vida. Suicidar-me assim, vomitando a vida pela boca, não quero mais, não quero.

Puro nojo de viver.

Espio meu irmão; ele já traçou mais linhas, parece uma grande letra, um M maiúsculo. Talvez ele escreva merda. Merda de vida, irmãozinho.

- A senhora tem de avisar seu marido logo, a Madame disse que vai chamar a polícia. Então ele conseguiu ver a invisível megera. - Claro. Claro! –estou irritada. O homem cheira a suor e aflição, ele não tem culpa de nada, ao contrário, mas isso me irrita ainda mais. Nova humilhação: Marcos, eu te abandonei, com nosso filho, ma por favor, por favor?

Perco a noção do tempo: a floresta, seus veludos cinzentos e verdes, o crepúsculo. Quando me viro para sair, Gabriel completou sua obra na parede. Não escreveu nem merda, nem morte, como pensei.

Na sua letra infantil, desenhou caprichosamente a palavra MÃE. (p. 164)

A palavra MÃE escrita com excrementos, ganha ainda mais visibilidade se pensada na perspectiva bakhtiniana do "baixo corpóreo". Aponta Bakhtin (2008, p. 151) que o "baixo" tem caráter renovador e regenerador em sua ambivalência, diferentemente da escala de valores da atenção abstrata. No drama de Doutora, a síntese entre consciência e "baixo corporal", com função regeneradora, ocorre na palavra MÃE. O trocadilho da inicial "M" com "merda" e "morte" estabelece com clareza o momento ambíguo de vida e morte. Porém é a palavra "mãe", escrita por Gabriel que ratifica o maior problema: a sua orfandade. Escrita enquanto fezes, na verdade, enquanto terra, reinício regenerador da ligação entre Doutora e a mãe, afetada desde a infância.

A relação primária é tida por Neumann como fundamental, tanto na formação do ego, como na formação de relações objetais posteriores. Assim, Doutora é o "adulto abandonado" que apresenta uma insegurança que mina todas as suas relações, não consegue se doar para Lucas e nem compartilhar o sofrimento de Antonio com seu filho doente.

Doutora busca sua mãe, o genitor perdido, ou aquilo que a mãe representa (cf. ROTHENBERG, 1983). Fruto dessa necessidade insaciável de preencher a lacuna criada pela morte da mãe, ela a busca em toda a parte. Curiosamente, a rejeição causada pela mãe bêbada e ausente é agora repetida, de certa forma, pela própria médica. Isso porque ela mesma se culpa, aqui e ali, por não tratar o filho como "deveria". O sentimento de "boa mãe" encontra-

se maculado e emerge da separação. Ao ver seu casamento acabado, percebe que não exerceu de forma convencional seu papel de mãe e o sentimento de culpa aflora:

Mas é possível que, como tem acontecido agora, atrás do ombro de Antônio, que me ama com intensidade, apareça o rosto triste de meu filho; ficarei fria e ausente; porque não posso me permitir ser feliz como mulher se, como mãe, abandonei meu filho. (E, p. 63)

É comum a idéia da "boa mãe" e atribuição à mulher toda a responsabilidade no desenvolvimento psíquico da criança. Desse modo, a psicanálise aponta a mãe como a culpada por grande parte dos problemas de identidade dos filhos e reforça que a criança, que teve uma mãe perturbada na infância, poderá reproduzir as atitudes inadequadas que foram as da sua própria mãe.

Vínculo positivo com a Grande Mãe também é sempre o pré-requisito psicológico para se tornar mãe, ser fértil e ter um relacionamento saudável com o próprio corpo (...). Por outro lado, afastar-se da Grande Mãe leva à incapacidade de desenvolver as qualidades maternais e frutíferas de sua natureza feminina. (NEUMANN, 2003, p. 25)

O fato é que o pensamento acima, embora pareça preconceituoso, reafirma a culpa e a crise existencial de Doutora. Por outro lado, Neumann mostra que a ruptura com o aspecto materno positivo ainda é responsável por boa parte da frustração da mulher, hoje em dia, e traz um estado de culpabilidade. Logo, compreende-se que a incorporação da força materna é necessária para Doutora conseguir prosseguir e concluir seu processo de individuação e, principalmente acalentar a órfã dentro dela, senão, ela continuará a depositar em Antônio ou qualquer outro parceiro todas as pendências e expectativas frustradas vivenciadas com a mãe.

Doutora não conseguiu manter seu relacionamento nem com Marcos, nem com Antônio. Por esse fenômeno patológico do arquétipo que transforma a mulher, é uma companheira desagradável, exigente, pouco satisfatória para o homem, uma vez que todo o seu ímpeto é um rebelar-se contra o que brota do fundo originário natural, o inconsciente, que seriam o chamado do Self. No entanto, uma experiência de vida maior poderá ensinar-lhe talvez algo melhor, de modo que ela renuncie a combater a mãe no sentido pessoal e mais restrito. No melhor dos casos ela será inimiga de tudo o que é obscuro, pouco claro e ambíguo, preferindo colocar em primeiro plano o que é seguro, nítido e razoável, como ocorreu com Antonio no primeiro momento.

De acordo com Bettelheim (2004, p. 83); "Há um tempo certo para determinadas experiências de crescimento, e a infância é o período de aprender a construir pontes sobre a

imensa lacuna entre a experiência interna e o mundo real". No caso de Doutora, essas pontes vão além do tempo da infância e ressurgem na fase adulta, após a crise existencial. Nesse sentido, isso contribui para o que se chama aqui de manifestação arquetípica do órfão.

3.6 - A derrocada de Doutora

Após o confronto com as figuras arquetípicas, Doutora torna-se a mulher que assume seus erros e defeitos. Retorna como a mulher que passou pelo fogo e pelo abismo, que atravessou a escuridão, que conheceu sua outra face, ou soube entender todas as suas limitações como mulher e mãe. Para o processo de individuação, nesse momento, deveria ocorrer a integração com o Self, enquanto totalidade. É justamente essa capacidade de integração que favorece a realidade de Doutora. Após esse encontro, tudo se torna mais límpido, o Self indica o caminho. Centro de todo processo, origem e destino do Ego, o Self conduz o processo de individuação. Simbolicamente, as agruras pelas quais Doutora passa são expressão disso. No processo de individuação, encontrar-se com o Self é permitir o crescimento da psique para a totalidade.

Uma vez entendido o processo de individuação, aceito e colocado como centro da vida, o risco é isolar-se do convívio social. Ao perceber que o inconsciente chama a uma integração de opostos, o indivíduo pode assumir que a única realidade é o processo de individuação de forma solitária, sem se aperceber da realidade coletiva. Contra isso, o próprio Self se coloca como obstáculo, pois à medida em que o processo de individuação avança, mais o indivíduo se torna próximo, através do Self, de outros indivíduos que buscam o mesmo objetivo.

A personagem central não realiza essa integração com o Self, o que seria fundamental para o sucesso do processo de individuação. Mesmo vencidos os monstros que a atormentavam, ela entra em grande confusão psíquica. Ela compreende sua mãe, porém seu Ego não consegue se desvencilhar do julgo do arquétipo do órfão e identifica-se com ele. Curiosamente, surge um poema no fim da narrativa como um epílogo do desejo incontrolável pela figura materna:

Ah solidão de exílio, ah frios grotões, ah musgo de sustos, ah trilha de nostalgia, ah orfandade, ah cálidas fezes, ah caudas inquietas, ah vida

esquartejada, ah chão de passarinhos mortos, ah maldita, ah venerada, enfim . (E, p. 201)

Este poema é um resumo de sua jornada. Conhecer-se a si mesma fez com que Doutora entendesse os seus dramas e o de sua mãe. No entanto, essas revelações não a transformaram na “velha sábia”, mas a fizeram persistir na busca de sua mãe, revelando a força do arquétipo do órfão. Encantada e envolvida pela magia da floresta, ela decide entrar na mata e sentir a mãe que nunca teve. Mãe e floresta assumem uma conotação igual. Doutora se refere à Floresta como sua mãe: “Primeiro, pensei que ele ia só me fazer de boba; depois me animei: a floresta, majestosa e inalcançável, se abriria para mim, um pouco que fosse” (E, p. 138).

Doutora encontra no regaço dessa floresta espaço para chorar suas mágoas e erros. Indecisa com qual caminho tomar, se voltaria para Marcos e Lucas ou para Antonio e seu filho doente, ela decide ir para a Floresta pois “seria como voltar para casa, quero ir para casa, por favor, por favor” (E, p. 140). Fica clara a imagem de entrega louca pela necessidade da presença materna.

O caminho agora era uma ladeira subindo quase vertical. Arbustos arranhavam minha cara, galhos laceravam minhas pernas. Eu ofegava como alguém prestes a morrer, assistira a algumas tantas mortes, é sempre tão penoso o corte dos derradeiros fios. Minha mãe devia ter tido uma morte boa: um clarão, uma punhalada, e a liberdade. (E, p. 140)

Porém antes de ir, ela tem um inesperado encontro na Casa Vermelha. Ela encontra na cozinha uma mulher que se assemelha à sua mãe. Essa presença só aumenta a vontade de estar com sua mãe. Em mais um momento de desespero, ela, igual a uma criança, suplica para ser levada para casa.

Primeiro a barra do vestido longo, depois a mão com o copo, a perna arqueada no passo, o rosto de perfil. Tenho vontade de pedir: Me leva para casa. Nisso, ela se vira e me encara; suas desmesuradas órbitas não estão verdes; cobriram-se de um véu como escamas. (E, p. 143)

Doutora já sabe para onde ir. Somente a Floresta poderia saciar a sua sede de mãe. Após esse encontro, ela decidida sabe que sua vida “não tinha mais jeito”, nunca seria uma boa mãe e muito menos uma companheira: “Onde meus sentimentos maternos, humanos, profissionais, minha bondade natural? Afinal, me tornei médica para ajudar pessoas.” (p. 148). Apenas sua mãe poderia lhe entender.

Café, banho e decisão tomados. Alívio e sonolência. Aperto os dentes: sei qual a casa para onde preciso ir. Minha mãe foi uma floresta de enigmas: descobrirei uma entrada e uma clareira, para saciar minha sede. (E, p. 170)

A mãe aparece metamorfoseada na natureza selvagem, o que reforça, definitivamente, essa presença psíquica primitiva. A floresta que limita a Casa Vermelha por um dos lados, não se prende ao estereótipo romântico, prenhe de exuberância, idealizada. Poucas vezes é descrita como um todo, mas sempre “sedutora e inatingível”. É bastante significativa, nesse aspecto, a resposta dada pela moça “Morena”, à Doutora: “- Proibido, filha – diz ela – É reserva. Não se pode entrar.” (E, p.64). Estabelece, também, nessa característica, um paralelo seguro com a interdição materna. Igualmente à sua mãe, aquele regaço materno também seria proibido. Os indícios maternos da floresta vão sendo reforçados, vão sendo confundidos e vão relacionando mãe e floresta:

Mas ela, a minha rainha, composta, majestosa, a quem eu admirava como a uma floresta de sonhos numa montanha? (E, p.59)

.....
 No quarto, duas grandes janelas gradeadas pelas quais a floresta abre seus braços dia e noite para meu irmão: ele não quer que se fechem as venezianas. (E, p.66)

A expressão “abrir os braços”, vista em outras passagens, é perpetua o “de nossa mãe, lembro o abraço negado” (E, p. 62): “Virei-me, num milagre meu filho chegara? Mas, numa dolorosa inveja, fiquei olhando a mulher de cabeleira vermelha, *braços abertos*, acolhendo um menininho parecido com o meu, que corria para ela.” (Grifo nosso, E, p.80-81).

Decidi que, se puder, volto para a minha cidade, tento reconquistar meu filho, entrego meu destino a Deus. O punho cerrado de Antônio, seu grito agoniado, a queixa amarga e justa. (E, p. 156)

No entanto, ao final da narrativa, Doutora deixa explícita a representatividade daquela floresta, não deixando qualquer espaço para uma segunda interpretação: “Aperto os dentes: sei qual a casa para onde preciso ir. Minha mãe foi uma floresta de enigmas: descobrirei uma entrada e uma clareira para saciar minha sede” (E, p.194.)

A volta ao aconchego uterino é pressentida em um sonho que traz imagens de nascimento. No entanto, um nascimento reverso, no qual Doutora não é gerada pelo útero, mas engolida por ele.

Estou diante de uma mesa cirúrgica: cesariana. Fiz centenas na vida; conheço de cor o ritual. Sei onde piso. Mas desta vez entendo que não é para tirar dali uma vida, e sim para enfiar ali uma morte. Tudo terrivelmente

errado. Alguém coloca nas minhas mãos o bebê que preciso meter nesse ventre aberto, mas não é um bebê: é o Anão, encolhido, nu, sem chapéu. Não vejo o rosto da paciente, mas sua barriga está inundada de sangue, um charco que borbulha. Largo o Anão sobre uma mesinha, meto as mãos naquele poço, retiro vísceras emaranhadas, para fazer lugar. Finalmente o deito ali dentro, minhas mãos tremem de horror.

- Precisa suturar agora - alguém diz. Começo a costurar com grandes pontos, negligente como via costurarem os perus recheados em nossa casa.

Termino, olho minha roupa ensangüentada. Sangue nos ladrilhos do assoalho, onde vejo, a um canto, os óculos de meu Anão) (E, p.169-170)

Apesar de não ficar explícito o que aconteceu com a personagem central, constatamos que ela sucumbiu às necessidades do ego, constelado no arquétipo do órfão e não conseguiu finalizar com sucesso seu processo de individuação. Apesar de o romance deixar em aberto o seu final, conseguimos compreender um possível desfecho do drama seguindo as configurações do aporte teórico aqui usado, porque ela não realiza o retorno que de acordo com Von Franz seria o aspecto social do Self. Ela não volta para casa e nem para Antônio, não traz a sabedoria de quem vivenciou e sentiu o Self.

No desfecho de seu drama, morto o Anão, poderíamos interpretar como tomada de consciência, equilíbrio desejado e renovação, porque ela resolve voltar para casa, o encontro com o filho, assunção possível, em si, do arquétipo materno. Mas, ela não vai para casa de Marcos e nem de Antônio, porque é na floresta que ela entra para empreender o derradeiro e único encontro, mesmo que apenas simbólico com a mãe: “Aqui haverá enfim lugar, como nunca tive. Avanço rápido, arfando: -Mãe, mãe...” (E, p.200).

A floresta é claramente a casa e a mãe. Ciente de sua Sombra, Doutora sabe que para poder amar e cuidar do filho, ela precisa antes procurar pela mãe, ficando claro que o retorno à casa de Marcos, pelo menos na narrativa, só poderá se efetivar após a realização com a mãe. É incontestável que na floresta, elemento, no texto, de alta relevância psicológica, símbolo do inconsciente, o que se realizará será, finalmente, o apaziguamento com o arquétipo do órfão: “Mas posso me aninhar num regaço transitório, entre essas raízes cúmplices, chão eterno” (p.200).

Doutora se entrega ao sonambulismo, “onde todos deslizavam a esmo para um só lugar, sem remissão, uns apavorados, crispados, outros num resignado abandono” (E, p. 136), assim como fez sua mãe. A imagem do suicídio pode se esconder atrás de imagens e metáforas que se ligam à imagem suicida da Rainha Exilada: “O silêncio da grande embriaguez final, morrer deve ser uma gigantesca bebedeira, um porre de nada, de silêncio e

vazio” (E, p. 140). Assim, Doutora não atinge sua sabedoria, não integra o Self, prefere ficar na inércia e é devorada pela mata que tudo engole (E, p. 20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo, nos propusemos fazer uma análise do romance **Exílio** do ponto de vista da psicologia profunda, para evidenciar as etapas de conscientização da personagem central no processo de individuação, interpretando a linguagem dos símbolos que expressam a psique feminina. Ao se proceder à leitura de **Exílio**, o que pareceria ser apenas o relato dramático de uma mulher divorciada, percebemos que outras histórias se unem e formam uma estrutura que transborda o nível pessoal de cada personagem da trama dando uma dimensão mais ampla e coletiva dos problemas enfrentados pela narradora-protagonista, que está invariavelmente presa à relação insatisfatória com a mãe. Essa dimensão aponta para um conteúdo inconsciente que revela projeções que interliga os personagens à protagonista, reflexos do diálogo entre consciente e o inconsciente para curar, amplificar, embasar e dar sentido à experiência pessoal.

Os dramas de Doutora se fundamentam na tentativa exacerbada de encontrar satisfação para as suas necessidades não supridas em sua infância na figura materna, estruturalmente arquetípica, que seria totalmente diferente de sua mãe verdadeira, ausente e alcoólatra. A tentativa de encontrar o aconchego materno aniquilou suas relações, transformando Doutora em uma transgressora dos valores concebidos de mãe e esposa. Percebemos que Doutora quando chegou à Casa Vermelha, tinha pouca ou quase nenhuma capacidade de distinção entre o que a sociedade esperava dela e o que ela mesma queria de/para si. Seu modo de vida estava totalmente voltado para as expectativas em relação ao que a sociedade esperava dela. Assim, a análise psicológica do romance, guiada por “ferramentas auxiliares” junguianas, nos possibilitou irmos além do papel que a sociedade concebe de mãe e esposa, nos mostrando o drama profundo da protagonista em um contexto familiar sufocante, berço motivador dos traumas, da loucura, morte e perdas das mulheres.

Verificamos que **Exílio** possui uma riquíssima temática simbólica que implica em imagens arquetípicas, abrindo espaço para análise de como ocorre a transformação interior e como uma mulher mutilada por sua orfandade desenvolve sua feminilidade e quais os efeitos que esta relação — mãe e filha — traz para a construção de sua identidade pessoal, social e para a sua condição como mulher. Esta relação também foi corroborada pela análise da estrutura profunda da narrativa, que nos permitiu verificar como a temática simbólica utilizada por Lya Luft denota a jornada da heroína madura em sua busca de renascimento

Caminho que aparentemente traz infortúnio, mas que na verdade coloca a protagonista em contato com conteúdos de sua psique, que possibilitam reestruturar sua vida interior e exterior. Tal fato ratifica a utilização da psicologia profunda de Carl Gustav Jung, pois esta nos possibilitou observar que os vários passos da busca de Doutora a levaram ao conhecimento profundo da própria natureza, bem como da natureza daqueles que a cercavam. Esta trajetória individual é paralelamente conduzida por elementos externos e o principal destes é a imagem fantasmagórica da Rainha Exilada, que volta a atormentar a narradora-protagonista, pois a Rainha, ao mesmo tempo em que é um “símbolo” imbuído de significados profundos, é principalmente um “símbolo de sua orfandade,” base do drama.

Assim, tentamos evitar projetar nossas suposições preconcebidas em *Exílio*, porque acreditamos que uma obra literária é um produto autônomo e que precisa ser respeitado, já que a interpretação é sempre experimental. Logo, buscamos ir além daquilo que nossos sentidos nos fazem perceber objetiva e concretamente, nos permitindo, assim, redimensionar o drama da personagem central, oferecendo ao leitor conferir passo a passo como a Individuação se dá e que elementos tornam **Exílio** uma ficção profunda, iluminada e plena de significados àquele que a ler.

O tempo no enredo, que aparentemente, não é linear, segue uma lógica cronológica e psicológica de acordo com os confrontos com a Sombra e suas diferentes facetas que possuem raízes profundas no passado. A narrativa apresenta vários confrontos com a Sombra para resolução das inquietações e uma integração com o Self: Doutora com a Rainha Exilada; as personagens exiladas da pensão com Doutora; Doutora como persona com suas próprias qualidades da Sombra. O maior e decisivo confronto foi com o personagem Antônio e seu filho doente. Antônio era tido por Doutora como a “tábua de salvação” em meio daquele marasmo vivido na Casa Vermelha. O filho doente, no entanto, foi pressentido como algo negativo, que a colocaria mais uma vez em segundo plano, refletindo a sua infância quando fora abandonada, plasmando em si a figura da Rainha Exilada. Ela reconhece a Sombra e a aceita como parte de sua personalidade, tomando consciência de sua natureza, função e limitações individuais.

Através dos vários aspectos da percepção consciente exibidos pela personagem central, compreendemos que ela cumpriu alguns passos importantes do processo de individuação. Doutora desvela a Persona, entendida quando ela assume que viveu de acordo com padrões que sobrepujaram a imagem de menina órfã e fracassada. Ela, como médica,

personifica a retidão moral, que compensa a visão negativa de si mesma como mulher que transgredir valores maternos e matrimoniais. A tomada de consciência sobre si mesma faz com que ela admita que se entregou demasiadamente à profissão e o quanto foi incapaz de entender a solidão de Marcos e Lucas. O confronto com a Sombra, outro passo importante, foi recorrente no enredo através dos entraves de seu passado e a atual condição, personificado na relação com as personagens da Casa Vermelha. Doutora reconhece e assume a responsabilidade sobre a Sombra e não continua a projetá-la. Ela deixa de apontar nos outros os seus próprios defeitos, principalmente na aceitação de sua Mãe como alguém especial, não mais como uma alcoólatra. Comprova isto, sem mencionar o relacionamento com o Anão, o aspecto mais enigmático de sua existência, que lhe auxiliou em sua jornada.

No intuito de propor uma interpretação, empreendimento sempre inconcluso, compreendemos que o romance, assim como qualquer expressão artística, supera a visão do crítico. Desse modo, podem existir infinitas possibilidades de leitura, porém duas se sobressaem através do questionamento sobre o que teria acontecido após a ida à Floresta: Doutora retornou ou não para casa? Talvez a resposta seja negativa, pois como vimos, ela não conseguiu se desvencilhar das forças arquetípicas do Órfão, que impera e rege os seus relacionamentos.

Constatamos que a personagem central possui uma eterna ligação com um dado psíquico não satisfeito, preenchido pela imagem da ausência materna que lhe aprisiona a seu inconsciente, aqui simbolizado pela Floresta. Assim, podemos concluir que Doutora reproduz a negatividade materna, sendo incapaz de desempenhar seu papel de mãe e concluir com sucesso seu processo de individuação, internalizando sempre o papel de vítima, a eterna órfã, desamparada pela mãe, percebido ao longo da narrativa através de expressões semânticas. Ela deveria se reconciliar com o mundo social após sua jornada interior, pois o processo de individuação corresponde à realização concomitante da transformação do eu e da sua integração na coletividade, a transformação do Ego infantilizado para um ego orientado ao Self. No entanto, a urgência em recriar as condições satisfatórias exigidas pelo arquétipo materno, desejo que a enfatizou, a impendem de voltar à casa de Marcos e restabelecer um vínculo positivo com o filho.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- _____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da material**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BADINTER, E. **Um é o outro; relações entre homens e mulheres**. Tradução de Carlota Gomes. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- BRANDÃO, J.S. **Mitologia Grega**. Volume I. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- CÂNDIDO, A. **Degradação do espaço** in: O discurso e a cidade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, São Paulo: Duas cidades, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. 10^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 23 ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CHINEN, A. B. **A mulher heróica**: Relatos clássicos de mulheres que ousaram desafiar seus papéis. São Paulo: Summus, 2001.
- CIRLOT, J. E. **A dictionary of Symbols**. 2. ed. Nova York: Barnes & Noble, 1993.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**. teoria, análise, método. 7.ed., São Paulo, Moderna, 2006.
- _____. **O Conto de Fadas: Símbolos Mitos Arquétipos**. São Paulo: DCI, 2003.
- DOWNING, C. (Org.) **Espelhos do Self: As imagens arquetípicas que moldam a sua vida**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GRIMBERG, L. P. **O homem criativo.** 2ª ed. 2003. ed. FTD. São Paulo.

HARDING, M. E. **Os mistérios da mulher antiga e contemporânea: uma interpretação psicológica do princípio feminino, tal como é retratado nos mitos, na história e nos sonhos.** Trad. Maria Elci Spaccaquerche Barbosa e Vilma Hissako Tanaka. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1985.

JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo, Símbolo.** 1957. ed. Cultrix Ltda. São Paulo.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. **Memórias, sonhos, reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002a.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente Coletivo.** Obras Completas: v. IX/I. Petrópolis: Vozes, 2002b.

_____. **Símbolos da transformação.** Rio de Janeiro : Vozes. 1989.

JUNG, E. **Animus e Anima.** São Paulo: Cultrix, 1991.

KAST, V. **Pais e filhas, mães e filhos: caminhos para a auto identidade a partir dos complexos materno e paterno.** São Paulo: Loyola, 1997.

KOLTUV, B. B. **A Tecelã: Ensaio sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana.** São Paulo: Cultrix, 1992.

LIMA JUNIOR, C. J. de. **A trajetória heróica de Hester Prynne em A letra Escarlate de Nathaniel Hawthorne.** Campina Grande: UEPB, 2007.

_____. **Hester Prynne: o mundo oculto da iniciação feminina** In: IV Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 2008, Campina Grande. Anais do IV Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades. Campina Grande: Realize Editora, 2008. v.4.

LUFT, L. **Exílio.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **As parceiras.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Reunião de família.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Quarto fechado.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **O Rio do Meio.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. **A Criança**. São Paulo: Cultrix, 1980.

PRATT, A. **Archetypal patterns in women's fiction**. Indiana: University Press
Bloomington, 1981.

RIBEIRO, M. G. **A via crucis da alma: leitura mitopsicológica da trajetória da heroína de As
parceira, de Lya Luft**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2006.

_____. **Imaginação de mulher e imaginário do feminino na literatura de Lya Luft** In: IV
Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 2008, Campina Grande.
Anais do IV Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades. Campina
Grande: Realize Editora, 2008. v.4.

ROTHENBERG, R. E.. **The orphan archetype In Psychological Perspective**, 1983. v. 14 (p.
181- 194).

SILVEIRA, N. da. **Jung, vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001.

STEIN, M. Jung: **O mapa da alma: Uma Introdução**. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **In Midlife: a Jungian Perspective**. Dallas, Texas: Spring Publications, 1983.

SHARP, D. **Léxico junguiano: Dicionário de termos e conceitos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **Ensaio de sobrevivência: Anatomia de uma crise de meia idade**. São Paulo: Cultrix,
1995.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa
Castello. 2 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

VON FRANZ, M. L.. **A Interpretação dos Contos de Fada**. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **A Individuação nos Contos de Fada**. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **O processo de individuação** In O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 2005.

WHITMONT, E. C. **A Busca do Símbolo: Conceitos básicos de psicologia analítica**. São
Paulo: Cultrix, 2002.

XAVIER, E. **O declínio do patriarcado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

YOUNG-EISENDRATH, P. & DAWSON, T. (Orgs.) **Manual de Cambridge para Estudos
Junguianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (orgs.). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado
escuro da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1991.

